

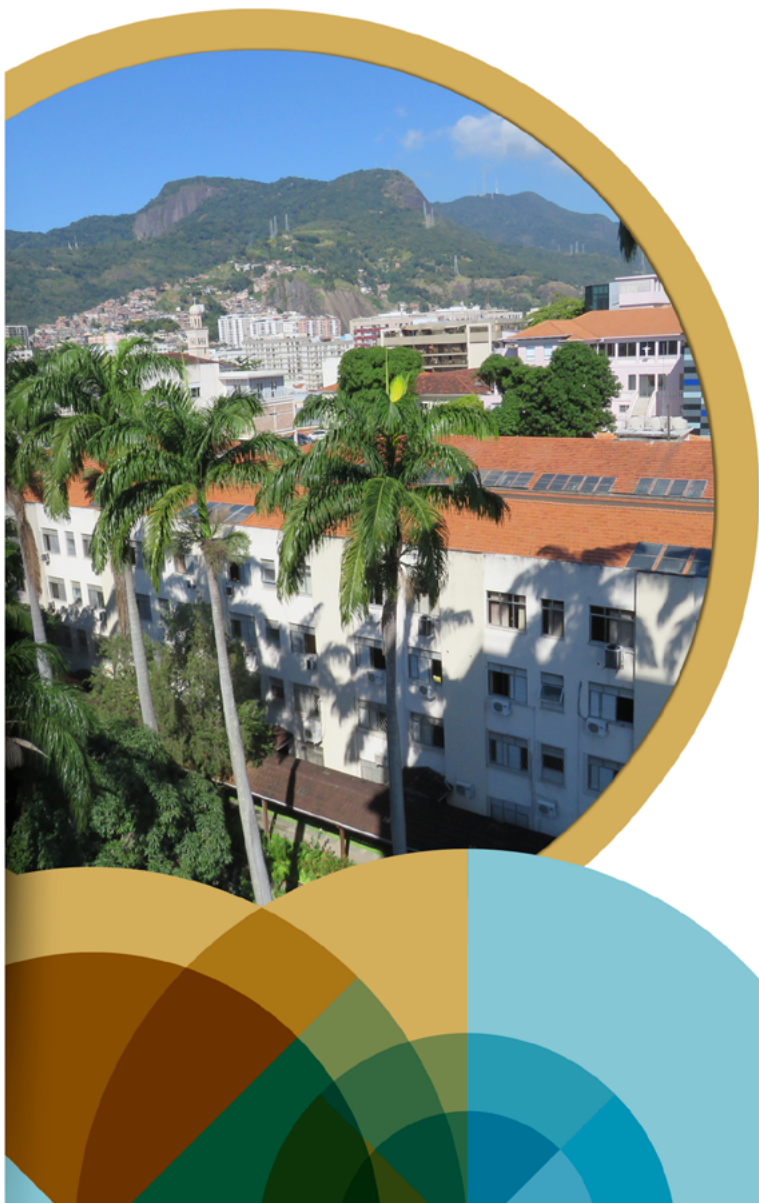
BOLETIM INFORMATIVO

Província do Rio de Janeiro

Ano LV | Nº 1

janeiro
fevereiro
março
abril

2020



BOLETIM INFORMATIVO DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO
Janeiro | Fevereiro | Março | Abril | 2020



• PALAVRA DA VISITADORA	03
• PALAVRA DO PADRE DIRETOR	11
• FORMAÇÃO PERMANENTE	14
• A IGREJA	31
• NOSSOS ENCONTROS	39
- Encontros de Repasse, Tempo de Encontro e Partilha!	39
- 4ª Jornada Pedagógica Vicentina	41
- Encontro de Formação Administrativa	44
- XXI Encontro Interprovincial dos Conselhos do Brasil	45
- Encontro de Educação: Áreas de Linguagem e Matemática	48
- Reunião em Preparação ao IX Interprovincial do SAVV	49



• NOTÍCIAS	52
- Passagem de Ir. Kathleen Appler.....	52
- Carta de Ir. Françoise Petit após as Exéquias de Ir. Kathleen Appler	53
- Homilia do Pe. Bernard Schoepfer	54
- Mensagem da Família	57
- Palavras em Memória da Irmã Kathleen	59
- Votos pela Primeira Vez	61
- 200 Anos da Congregação da Missão no Brasil	63
- Em Tudo Dai Graças!	65
- Colégio Virgem Poderosa	66
• SOLIDARIZANDO COM AS NOSSAS IRMÃS NA DOR ...	68

PALAVRA DA VISITADORA

Ir. Maria Cristina D'Abruzzo



“Grande, portanto, é a gratidão que nos prende à sua infinita bondade, por nos ter associado a si nesse ministério divino e por nos haver escolhido entre tantas outras mais dignas dessa honra e mais capazes de aí frutificar” (SV XII 79).

Neste tempo que antecede a Renovação dos Votos cada uma de nós procura se preparar o melhor possível para responder com maior fidelidade ao chamado do Senhor.

Devemos também nos interrogar sobre a qualidade e o fervor de nossa Pertença à Companhia, o nosso grau de amor por ela.

Cada uma tem a sua história de amor; pertencer à Companhia é a experiência da vontade do desígnio de Deus sobre nós.

A Companhia é a Casa que o Senhor nos concedeu para morar, isso implica nossa disponibilidade para estarmos “livres de bagagens”. Que todas nós estejamos dispostas para ir servir os pobres onde a obediência nos pede. Isso exige uma ruptura com outros possíveis modos de vida, talvez bons e normais em si, porém não coerentes com o nosso modo de viver na Companhia.

O que confirma e ratifica, a cada ano, a nossa pertença, é o desejo de viver em fidelidade nossa entrega total a Deus para servi-Lo nos pobres.

“Hoje com frequência, percebemos uma certa tendência que não condiz com a disponibilidade, a tendência ao apego à família ou a

peessoas amigas que repercute negativamente na doação que se deve aos pobres e à vida comunitária. Nosso tempo pertence a eles inclusive o que chamamos 'tempo livre'. Há tantas coisas necessárias e úteis no qual empregá-lo.” (Padre Fernando Quintano)

Algumas considerações sobre certas expressões, e comportamentos que não são sinais de pertença: (Padre Quintano)

- Assumir compromisso ou serviços sem o apoio (envio) da Comunidade parece mais um “hobby pessoal” do que missão comum. Este comportamento não seria sinal de pertença à Comunidade senão “fazer sua própria vontade”, cultivando o individualismo. O projeto pessoal não pode passar à frente do Projeto da Comunidade, nem se opor a este.

- Ter como grupo principal de referência um outro, ao qual a Irmã se sente mais afetiva ou efetivamente vinculada do que à própria Comunidade (seja um grupo apostólico, profissional, cultural...) não é sinal de pertença. Porque **“a Comunidade é o primeiro lugar de pertença”** (C.34).

- Manter-se numa atitude passiva ou de indiferença diante de tudo o que se refere à vida e missão da Comunidade, não é sinal de pertença.

- Buscar não ser identificadas como pessoas consagradas ou pertencentes à Companhia pode denotar dissimulação ou frieza com relação ao que realmente são.

- Dizer - embora tenha escutado apenas uma vez, isso me deixou muito penalizado - “jamais convidaria uma jovem para entrar na Companhia”, é sinal de que a Irmã não é feliz neste caminho. Não seria melhor para ela e para a Companhia que procurasse outro lugar? Podemos dizer o mesmo para aquelas que permanecem “porque, para onde vou agora?” “onde encontraria trabalho?” Em todos esses casos a pertença vital à Companhia é escassa ou nula. São Vicente se expressava claramente sobre isso: “uma Filha da Caridade está morta, desde que não tenha o seu espírito... Mais valera que não o fosse” (SV, Conf. 24/02/1653, p. 394).

Mère Elizondo insiste sobre o amor à Companhia como sinal de pertença. Reconhece que nela existem aspectos positivos e negativos, pois é composta por seres humanos, e, embora seja santa em seus Fundadores, princípios e orientações, pode não sê-lo nas pessoas que a constituem.

Será que a crítica é sempre sinal de falta de afeição ou de pouca pertença à Companhia?

Façamos a distinção entre “crítica positiva” e “crítica negativa”. Quem de entre nós não vê de maneira positiva o fato de uma Assembleia local, Provincial ou Geral fazer uma análise crítica sobre a maneira de viver a fidelidade ao Espírito da Companhia, na Comunidade, na Província ou em nível Mundial? Quem pode dizer que a análise de uma revisão de obras, tomando como critério “estar com os Pobres” seja negativa? A criatividade e a audácia, caracterizando a Companhia, não devem ser freadas por um “sempre fizemos assim” que impede abrir novos caminhos e assumir o risco do novo, esquecendo-se de que “o amor é inventivo até o infinito”.

Ter amor e sentido de pertença à Companhia não quer dizer submissão, silenciar inquietações e justificar tudo que ela é e faz. Isto denotaria imobilismo, passividade e conformismo. Na Companhia deve haver lugar para os membros inquietos, para os profetas e para aqueles que têm opiniões divergentes, mas não para os amargurados e angustiados. Por acaso não lamentamos que boas Filhas da Caridade tenham deixado a Companhia, por se sentirem rejeitadas e sem espaço para suas inquietações e sugestões, assumidas hoje pela Companhia?

É preciso agradecer a Deus, por haver na Companhia Irmãs profundamente sensíveis aos novos gritos dos pobres e que sabem ler evangelicamente os sinais dos tempos. Tudo isto é necessário e deve ser assumido, porém, sem perder nem enfraquecer a própria identidade carismática.

Nesse tempo de Assembleias, aproveitemos do EPHATA para sairmos de nossa zona de conforto e ir além para ENCONTRAR

interrogando-nos seriamente sobre nossa coerência de vida em relação aos votos. Façamos um exame de consciência para com maior fidelidade responder aos nossos compromissos assumidos.

CASTIDADE: As Filhas da Caridade acolhem a Castidade como dom que liberta seu coração, dilatando-o segundo as dimensões do Coração de Jesus Cristo, por uma doação incondicional e uma total disponibilidade ao serviço dos pobres. (C.29a)

A Castidade exige uma profunda vida interior. “A íntima união com Cristo, fortificada pela Palavra de Deus, a Eucaristia e o Sacramento da Reconciliação, pela oração e ascese garante-lhes fidelidade”. (C.29d)

A Castidade conduz ao esquecimento de si, coloca-nos a serviço dos outros, dá-nos a sabedoria para falar ou escutar conforme as necessidades do momento, descentraliza-nos de nós mesmas, e da necessidade de chamar atenção e da estima do outro, seja por nossos méritos... seja por nossas fraquezas.

Devemos excluir da Castidade da Filha da Caridade:

- A **esterilidade** - O celibato consagrado não é sinônimo de esterilidade, ao contrário, nossa doação incondicional a Cristo e a seus interesses nos leva necessariamente a servi-Lo com generosidade naqueles com os quais mais se identificou: os Pobres.

- A **rejeição** - que pode dar lugar a uma Filha da Caridade fria, seca, aparentemente incapaz de todo afeto e de toda a manifestação de amizade para com as pessoas com quem convive ou trabalha. Seria totalmente oposto ao testemunho que se espera de uma pessoa consagrada que vive sua castidade livremente aceita, na alegria.

- A **compensação** - atitude daqueles que, mais ou menos conscientemente, tentam amenizar a continência exigida pela Castidade, permitindo-se certas liberdades injustificadas, como leituras, certos programas da mídia, filmes inadequados, ou que cultivam relações pouco claras com pessoas, semeando mal estar e

confusão ao seu redor. Tudo isso é faltar à verdade do compromisso contraído com Deus, um escândalo para o próximo que as vê viver e um enganar-se a si mesmas. Cedo ou tarde, as consequências podem ser desastrosas.

► Que desprendimento a mais me sinto convidada – pessoas, lugar, serviço, amigos, família – para ser fiel ao meu “totalmente doada a Deus”?

POBREZA: “A Pobreza do coração, abertura ao Espírito, dispõe a alma ao amor universal e impele as Filhas da Caridade a colocarem a serviço de seus irmãos e irmãs, sua pessoa, talentos, tempo, trabalho, bem como os bens materiais que consideram como patrimônio dos pobres.” (C.30a)

► É preciso lutar contra um estilo de vida que nos distancia dos pobres, que dificulte nossa aproximação recíproca. Demasiadas concessões com a sociedade de consumo tornam-nos pouco credíveis.

Todos os bens procedentes do trabalho das Irmãs pertencem à Companhia.” (C.30c)

Mesmo que estas pensões sejam concedidas a pessoas concretas, devem passar a ser bens da Comunidade e evitar seu livre uso pela Irmã interessada.

Outro ponto que devemos evitar é que as Irmãs fiquem ausentes da administração dos bens comunitários, o que pode provocar um desconhecimento do custo de vida e do valor do dinheiro, utilizando-o com certa facilidade, encostando-se na Comunidade.

Devemos evitar todo luxo e todo supérfluo. Nossas necessidades diminuirão na medida em que o amor ao Senhor e aos pobres crescer em nós.

► Vivemos as renúncias e a dependência que implicam a pobreza como fez Maria, que em seu Magnificat canta a pobreza da humilde serva?

► Que gesto concreto posso assumir para viver melhor a sobriedade e a simplicidade vicentina, a proximidade e a partilha com os pobres?

OBEDIÊNCIA: “Toda Obediência na fé reproduz a atitude do Filho, que para realizar o desígnio de amor do Pai, fez-se obediente até a morte e morte de cruz.” (C.31a)

Por graça de Deus, o valor e a prática da Obediência têm-se mantido vivos na Companhia o que a ajuda assumir compromissos concretos no serviço dos Pobres, mas revisando nossa vida, há algumas atitudes que precisam desaparecer:

- Uma Filha da Caridade não estaria realizando o serviço próprio da Companhia se não fosse enviada por ela, se escolhesse os pobres a quem servir. O desprendimento e a disponibilidade exigidos pela obediência, pedem-nos o sacrifício de servir, não os pobres que desejaríamos, mas aqueles que nos são confiados, na certeza de que Deus nos espera neles. Este aspecto, não muito bem compreendido, tem levado algumas Irmãs a abandonar a Companhia. Todo projeto pessoal deve entrar no Projeto da Comunidade local, da Província e da Companhia.

- A falta da disponibilidade e mobilidade exigidas pela Obediência, as resistências que se opõem à revisão de obras no momento em que é preciso realizá-las, seja por falta de Irmãs para continuá-las, seja pelo motivo de socorrer outros pobres mais necessitados.

A fé é o que dá à Obediência seu verdadeiro sentido. Na sua conferência de 7 de agosto de 1650, São Vicente encorajava as Irmãs a pedir esta virtude:

“Aqui tendes, minhas queridas Irmãs, o único meio: pedir esta virtude a Jesus Cristo. Ele é a fonte. Jamais, minhas queridas Irmãs, jamais alcançareis a obediência, a não ser por este meio.”

Sejamos vigilantes para cortar os apegos que limitam ou anulam nossa generosidade. Tenhamos a coragem de ver quais são nossas

resistências, nossos medos, nossas justificativas quando vem o momento de deixar o conhecido, a segurança para ir em direção ao desconhecido.

As Irmãs da nossa Província que estão vivendo este processo de reorganização dão-nos um belo exemplo de coragem e fé!

► Diante da realidade da nossa Província, o que posso fazer para viver melhor a disponibilidade, em fidelidade ao voto de Obediência?

SERVIÇO DOS POBRES: O serviço para a Filha da Caridade é expressão de seu dom total a Deus na Companhia... Ele é, ao mesmo tempo, visão de fé, coloca em prática o amor do qual Cristo é a fonte e o modelo [C. 16b].

Com frequência, pela falta de vocações, nos questionamos sobre o futuro da Companhia. A melhor maneira de garantir sua continuidade é a **fidelidade** ao Carisma, o serviço de Cristo nos pobres. Fomos criadas para isso e perderíamos nossa razão de ser se não o mantivéssemos em sua radicalidade. Para isso é preciso agir com dinamismo, reflexão e revisão contínua para evitar:

- Toda **inércia** ou **acomodação** por falta de sensibilidade a tudo que sucede ao nosso redor e no mundo dos pobres ou por falta de audácia. Pode ocorrer que certos serviços dos quais nos ocupamos durante muitos anos não sejam mais necessários ou que possam ser prestados por outras instituições ou por outras pessoas. Neste caso, devemos ir a outros lugares ou pobres mais abandonados que solicitam nossa atenção e cuidados. Podemos também estar alerta para as novas pobreza geradas pela sociedade atual, devido à globalização, aos conflitos armados que deslocam e empobrecem milhões de pessoas. É certo que, na prática, esta mobilidade pode se deparar com dificuldades como a idade das Irmãs, que as incapacita de adaptar-se a novas realidades e formas de serviço. Mas nunca pode faltar o desejo e o esforço que nos seja possível para socorrer os mais pobres.

Os pobres esperam de nós o olhar, o sorriso, a palavra, o gesto que os fará novamente existir, esperar, devolver sua dignidade.

Continuemos com coragem e audácia criando e elaborando projetos que contribuam para a promoção dos pobres em todas as dimensões e lutando contra toda a forma de pobreza e escravidões modernas.

► Que caminhos ou atitudes eu estou disposta a traçar para continuar avançando no serviço dos Pobres com amor criativo e uma audácia profética?

Estejamos atentas aos jovens que têm necessidade de ver a beleza do nosso Carisma, a grandeza da missão, ajudemo-los a descobrir os pobres, sejamos para eles testemunhas autênticas de fé, uma fé alegre, vivida na pobreza, na castidade e na obediência.

Que Maria nos acompanhe, Ela que viveu a docilidade ao Espírito mantenha-nos abertas à obra desse Espírito que age em nossos corações.

Confiemos a Ela todas as intenções de cada uma de nós, de nossas Comunidades locais e de toda a Província neste tempo de Assembleias, tempo de graça para todas e a cada uma em particular.

Irmã Maria Cristina D'Abruzzo
Filha da Caridade

PALAVRA DO PADRE DIRETOR

Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, CM

(em 14/02/2020)

Nesta Eucaristia, estamos reunidos para louvar e agradecer a Deus, Pai de Jesus, pela ação do Espírito Santo, por tudo o que Ele tem nos concedido, todo bem e graça que Ele nos dá.

Nesta grande ação de graças, hoje nos reunimos também para celebrar com a Irmã Cristina, Visitadora, o dom da sua Vida, vindo de Deus Pai, origem sem origem da Vida.

Depois, o trecho do Evangelho de Marcos 7, 31-37, da liturgia de hoje, toca de maneira muito particular às Irmãs e à Companhia das Filhas da Caridade. É o Evangelho do *Ephata!*. **“Ephata! Sair porta afora... Ir para... Encontrar”**. É um trecho do Evangelho que ilumina, inspira e ajuda a impulsionar a caminhada das comunidades e da Companhia.



A passagem do Evangelho de hoje se organiza em três cenas. Duas em público, a primeira e a terceira, e uma cena central entre Jesus e o homem, a sós. Nesta meditação, vou me concentrar mais sobre esta cena central.

No início e no fim, as pessoas falam a Jesus que se cala ou fala-se embora Jesus quisesse que não falassem. E na cena central, Jesus é quem age e acontece um encontro de pessoa a pessoa com o homem que se deixa conduzir e curar. Durante todo o desenrolar do episódio Jesus pronuncia uma única palavra em língua aramaica; esta teve de ser traduzida em grego, o que atrai nossa atenção sobre tal palavra.

E a cura do homem surdo e gago faz com que ele fale corretamente: falar corretamente é a única ação que lhe é atribuída; depois disso, o homem desaparece completamente do relato, como se ele estivesse ali simplesmente para ter acesso, através de Jesus, a este falar bem.

O milagre que Jesus realizou neste homem surdo e que falava com dificuldade é para nós um sinal: ele significa que o que Jesus realizou para aquele homem é o que Jesus quer realizar para cada um de nós – e para toda pessoa humana – a cada dia. Esse homem surdo e que falava com dificuldade torna-se espelho para todo ser humano: nele, vejo minha condição humana, pois percebo a minha surdez e o meu mutismo, isto é, esta incapacidade de me comunicar corretamente com o meu próximo, de ter boas e belas relações com as pessoas e com a criação de Deus.

Por isso, esse Evangelho nos convida a reconhecer que o grito de Jesus: “*Ephata!* Abre-te!” é dirigido a cada pessoa humana. É dirigido a mim. Notemos que esse *Ephata!* de Jesus, é um verbo que está no singular e é um imperativo: “Abre-te!”. É um chamado forte dirigido ao ser humano privado de suas aberturas sobre os outros, fechado em si mesmo para deixar-se abrir a partir do interior pela escuta da Palavra de Deus e pela ação do Espírito Santo. Essa abertura primordial é a grande fonte ou porta da abertura missionária para sair porta afora... Ir para... Encontrar todo ser humano, encontrar nossas Irmãs de comunidade, as pessoas mais vulneráveis, e para cuidar da criação de Deus.

Esse *Ephata!*, abertura primordial, essa abertura missionária original, foi nos dada por Deus no batismo. A Igreja, desde os tempos antigos, acolheu esse trecho do Evangelho, e em particular o *Ephata!* de Jesus, como uma palavra que está na origem da vida cristã no batismo: o *Ephata!* de Jesus se dá no batismo, segundo a Igreja. Na celebração do batismo, tem o rito do *Ephata!*. O padre toca os ouvidos e a boca de cada pessoa que está sendo batizada

e diz: “O Senhor Jesus, que fez os surdos ouvirem e os mudos falarem, lhe conceda que possa logo ouvir sua Palavra e professar a fé para louvor e glória de Deus Pai”. E assembleia responde: “Amém”, expressando o desejo de todo o Povo de Deus de consentir e de abrir-se à Palavra de Jesus. O *Ephata!* primeiro é batismal, aconteceu lá no dia do nosso batismo. Lá, Jesus nos chamou, ordenou e nos deu tudo para sermos seus missionários. No *Ephata!* é Jesus que nos toma à parte, longe de outras vozes, longe dos olhares indiscretos dos outros, e fala a sós com cada um, nos atrai para o seio do Povo de Deus através da Igreja, e ao mesmo tempo, confia-nos a missão de sair porta afora... para encontrar aqueles/as que necessitam de Cristo através de nós.

Celebramos hoje o dom da Vida da Irmã Cristina. Irmã Cristina, desejamos-lhe paz e saúde. A Senhora é um dom de Deus em nosso meio, é uma bênção de Deus para todos nós; louvamos e bendizemos a Deus por sua vida, pelo seu Sim que se declina na doação de sua vida pelas Irmãs, por todas as pessoas, pela Companhia e pela Igreja. E que Deus lhe conceda a cada dia a alegria de viver com sentido e esperança.

Que a Virgem Maria, nossa mãe, e única mãe da Companhia, Aquela que se “abriu” inteiramente ao amor de Deus, nos conceda experimentar cada dia o milagre do *Ephata!* para viver em comunhão com Deus, com os irmão/ãs e com a criação.

Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, CM
Diretor Provincial

FORMAÇÃO PERMANENTE

Visão Geral do Guia da Irmã Servente



Irmã Corina Bastos, na Sessão de Formação Vicentina das Filhas da Caridade no Brasil

O Guia da Irmã Servente é um documento fruto do trabalho das Irmãs de várias Províncias. Ele nasceu da necessidade de atualizar as Diretrizes da Irmã Servente após a revisão das Constituições e Estatutos de 2003. Foi aprovado pelo Conselho Geral em 31 de agosto de 2011 e em 29 de novembro de 2011 foi colocado em vigor. Na Sessão de Formação Vicentina das Filhas da Caridade no Brasil, ocorrida de 01/07 a 03/08/2019, em nossa Província, a Ir. Raimunda Corina de Sousa Bastos, Conselheira Geral, refletiu com as Irmãs participantes sobre este importante Guia.

INTRODUÇÃO

“Do dom da comunhão nasce a tarefa de construção da fraternidade... Da aceitação admirada e agradecida da realidade da comunhão divina, que é comunicada a pobres criaturas, provém a convicção do esforço necessário para fazê-la sempre mais visível através da construção de comunidades ‘plenas de alegria e de Espírito Santo’.”¹

Em outubro de 1652, Santa Luísa escreveu às Filhas da Caridade de Richelieu dizendo: *“A doçura, a cordialidade e o suporte devem ser a prática das Filhas da Caridade, como a humildade, a simplicidade e o amor de Jesus Cristo, que é a caridade, é seu espírito”*². É neste

¹ A Vida Fraterna em Comunidade, 11. Atos 13, 52.

² SL C. 420.

espírito vicentino cultivado por Santa Luísa, que iremos refletir o documento “A Irmã Servente na Companhia”. Ele foi elaborado pelo Conselho Geral em 2011, depois de muitas fases de estudo e de reflexão para adaptar as Diretrizes de 1981 às Constituições de 2004. É um documento simples, mas muito profundo. Ele tem como objetivo ajudar a Irmã Servente na missão de animadora de uma Comunidade local.

O conteúdo sobre a formação está de acordo com o pensamento de São Vicente, Santa Luísa, das Constituições, dos ensinamentos dos Superiores, dos documentos da Igreja e outras fontes que iluminaram a reflexão. O Guia da Irmã Servente desenvolve em linhas gerais as responsabilidades específicas que a Companhia lhe atribui. É um convite para beber na fonte as intuições e inspirações dos Fundadores.

Ele apresenta um panorama geral da missão da Irmã Servente no seguimento de Cristo servidor, tendo como objetivo ajudar a Irmã Servente na missão de animadora da comunidade. Ela realiza sua missão em união com suas Irmãs de comunidade com as quais *“cria uma atmosfera de fé, de oração, de cordialidade, de ardor apostólico na alegria”* (C. 36a). O essencial para nós é ter o espírito da Filha da Caridade, a identidade própria.

Ele está organizado em sete capítulos. Neste bloco serão apresentados o primeiro, segundo, terceiro e o quinto. Os outros três serão aprofundados no tema: o serviço de autoridade na Companhia. O primeiro capítulo apresenta uma visão geral da missão da Irmã Servente. Os outros seis capítulos abordam os diferentes aspectos da animação da vida espiritual, comunitária, apostólica e da formação.

O intuito de aprofundar este documento é proporcionar uma ocasião favorável para beber na fonte o espírito próprio da Filha da Caridade. É um convite a abrir a mente e o coração para internalizar a identidade da Filha da Caridade e o estilo de vida que a caracteriza.

Que o Espírito Santo envie sobre esta sessão seus dons e

luzes, conduzindo-a na realização do plano de Deus sobre cada participante.

I. O CHAMADO A UM SERVIÇO

Vale contemplar com carinho e gratidão a inspiração divina que teve São Vicente quando decidiu simplesmente mudar o nome das coordenadoras das comunidades de superiora para Irmã Servente. Ele explicou muito bem o motivo desta mudança. Primeiro ele constatou esta realidade em um mosteiro das meninas, o das Anunciadas, que chamavam a superiora de serva. Ele achou muito bonito e pensou fazer o mesmo na Companhia. Depois fez toda uma fundamentação evangélica. Disse que, Maria, a Mãe de Jesus, ao receber a mensagem do anjo Gabriel para ser a Mãe do Salvador, colocou-se como serva, a menor de todas, a que se coloca a serviço de todos e todas. Que profunda inspiração... Que graça e riqueza para a nossa “Pequena Companhia”³.

Quando uma Filha da Caridade é nomeada Irmã Servente, a primeira atitude que deve ter é colocar-se diante de Deus e dizer como Maria de Nazaré: *“Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”* (Lc 1, 38). Deus concede esta missão para que a pessoa se coloque como serva, humilde e caridosa a serviço do Reino de Deus. Foi assim que aconteceu com Maria de Nazaré, José, os discípulos e todos os que seguiram os ensinamentos de Jesus de Nazaré, o Cristo Servo que doou sua vida por amor. São Vicente formou muito bem as primeiras Irmãs neste espírito evangélico, no seguimento do Cristo Servidor:

“Se é preciso haver uma superiora, uma servente, é para ser exemplo de virtude e de humildade às demais, para ser a primeira a fazer as coisas, a primeira a se lançar aos pés da outra Irmã, a primeira a pedir perdão, a primeira a deixar sua opinião, a fim de seguir a das outras... Muito bem! Queira a bondade de Deus que assim seja!”⁴.

³ SV IX, 66.

⁴ Documentos nº 442, Conselho de 19 de junho de 1647, p. 527.

1.1. Nomeação da Irmã Servente

Na Companhia a Irmã Servente é nomeada pela Visitadora com seu Conselho por um período de três anos; ela pode ser renomeada após consulta à própria Irmã e à Comunidade local⁵. No momento de sua instalação, ela recebe uma patente que oficializa sua nomeação. Existe toda uma organização jurídica nesta missão, mas deve-se viver com espírito de fé, de disponibilidade, humildade, despojamento e atitude de serva. É um serviço de amor, o serviço de Cristo nos Pobres, que a Companhia pede para uma Irmã prestar na animação espiritual de uma Comunidade local.

A Irmã Servente busca força para bem viver sua missão na oração-contemplação do Cristo Servo, na vida sacramental cotidiana, na leitura e meditação da Palavra de Deus, nos documentos da Igreja, nas Constituições e Estatutos, nos escritos dos Fundadores e da Companhia e nos meios que a Companhia e a Igreja oferecem para o seu crescimento espiritual, humano e para o bom desempenho da missão.

A Igreja e a Companhia proporcionam muitos documentos, cursos, encontros e outros meios de crescimento para os consagrados/as que desempenham a missão de superiores nos diversos institutos, congregações e sociedades de vida apostólica. Nos documentos a Igreja afirma:

*“A autoridade do superior religioso deve caracterizar-se pelo espírito de Cristo, que não veio para ser servido, mas para servir. Atitude inspirada em Jesus servo, que lava os pés dos seus discípulos para que tenham parte na sua vida e no seu amor.”*⁶

1.2. Autoridade da Irmã Servente

A Irmã Servente recebe da Companhia uma missão especial de manter vivo o espírito da Companhia na Comunidade local. Esta missão é vivida a exemplo de Jesus o Bom Pastor:

⁵ C. 82c.

⁶ Para vinho novo, odres novos, N° 21.

⁷ Jo 15, 13.

⁸ SL C.257.

“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá sua vida por seus amigos”⁷; pois “devemos ter, continuamente, diante dos nossos olhos, o nosso modelo que é a vida exemplar de Jesus Cristo, a cuja imitação somos chamadas...”⁸.

Todos/as os/as que se consagraram a Deus realizam o seguimento a Jesus, Ele é a luz, o norte, o caminho por onde todos devem seguir. Ora, a principal preocupação da Irmã Servente é de orientar as Irmãs a seguirem Jesus Cristo, a luz que brilha na escuridão, o caminho que conduz à vida plena. A Irmã Servente suscita em cada Irmã o desejo de viver em coerência sua consagração a Deus, de ser uma pessoa de oração, de profunda intimidade com Deus, pessoa de fé, de vida autêntica e coerente; de praticar o que está escrito nas Constituições e Estatutos, de aprofundar os escritos dos Fundadores e de atualizar a formação sempre em vista do serviço dos pobres.

Na fé, a Irmã Servente aceita o dever e a responsabilidade de orientar, de acompanhar e de tomar as decisões finais⁹. Para isso precisa de um bom discernimento, das luzes do Espírito Santo.

1.3. Responsabilidades específicas da Irmã Servente

No desempenho da sua missão a Irmã Servente tem o cuidado de cultivar a fé, de viver seu dom total a Deus na autenticidade e generosidade, em vista do serviço dos pobres.

“A Irmã Servente anima e dirige a Comunidade local... é responsável com suas Irmãs pela realização de sua missão comum... A Irmã Servente tem poderes próprios sob a autoridade dos Superiores maiores e as Irmãs devem-lhe obediência”¹⁰.

Na missão que vive com alegria e espírito de fé, a Irmã Servente tem a responsabilidade de:

- Prestar contas à Visitadora da vida da Comunidade e do serviço dos pobres;
- Receber o pedido de Renovação das Irmãs e transmiti-lo à

⁹ C. 31b; O serviço da autoridade e a obediência, 13g.

¹⁰ C. 82a, d.

Visitadora;

- Acompanhar as Irmãs de sua Comunidade na vivência de sua vocação e missão;
- Comunicar as informações da Companhia, da Província, da Comunidade, dos serviços;
- Preparar com as Irmãs o Projeto comunitário, a previsão do orçamento, submetê-los à aprovação da Visitadora e velar por sua aplicação na Comunidade;
- Tomar as decisões relevantes à sua competência, após ter dialogado com as Irmãs ou consultado o Conselho doméstico, conforme os assuntos a tratar;
- Conceder às Irmãs as autorizações necessárias às suas necessidades pessoais e ao seu serviço¹¹;
- Conceder às Irmãs as permissões para utilizar os bens pessoais, em casos específicos em âmbito provincial;
- Favorecer a formação inicial e contínua das Irmãs;
- Administrar os bens da Comunidade segundo as Constituições e Estatutos; prestar contas à Visitadora da gestão econômica e pedir as autorizações necessárias;
- Convocar e presidir a Assembleia doméstica;
- Cuidar dos arquivos da Comunidade e da obra, se esta pertence à Província ou foi confiada à Comunidade local.

1.4. Serviço vivenciado em corresponsabilidade

Toda missão na vida consagrada é confiada ao Espírito que ungiu Jesus para o anúncio da Boa Nova. É importante que a Irmã Servente se faça disponível ao Espírito Santo, se deixe conduzir por Ele, seja dócil à vontade de Deus e, sob sua guia, exerça a responsabilidade que a Companhia depositou em suas mãos com amor e humildade.

¹¹ C. 30a, b,c.

“A corresponsabilidade compromete cada pessoa a assumir sua parte na responsabilidade pelo bem comum. Viver a autoridade e a obediência em corresponsabilidade supõe a participação das Irmãs para uma busca comum da vontade de Deus.”¹²

No seu serviço, a Irmã Servente é ajudada por um Conselho doméstico¹³ e, quando isto é necessário e possível, por uma Assistente e uma Ecônoma locais¹⁴.

A Assistente local é nomeada pela Visitadora com seu Conselho, a pedido da Irmã Servente que terá consultado a Comunidade. O papel da Assistente é definido com a Irmã Servente. Esta delega-lhe algumas tarefas, segundo as necessidades da Comunidade.

A Ecônoma local é nomeada pela Irmã Servente, após a consulta da Comunidade. Esta nomeação é transmitida à Visitadora através da Irmã Servente¹⁵. A Ecônoma local administra os bens temporais da Comunidade local, conforme as Constituições e Estatutos, de acordo com as orientações provinciais e sob a direção da Irmã Servente.

“Quanto à utilização dos bens da Comunidade ou dos pobres, as Irmãs pedem as permissões à Irmã Servente e prestam-lhe conta. Estas permissões são renováveis.” (Guia, p. 15 e 16)

**Em vista da missão,
a Irmã Servente se compromete a colocar-se humildemente
a serviço da Comunidade
no respeito, discrição e escuta de cada Irmã.**

¹² C. 31b.

¹³ C. 82f.

¹⁴ E. 66a, b.

¹⁵ E. 66b.

¹⁶ Guia da Irmã Servente, p. 17.

II. A ANIMAÇÃO DA VIDA ESPIRITUAL

“Com a Comunidade,
a Irmã Servente é chamada a viver enraizada em Jesus Cristo,
fonte e modelo de toda caridade.”¹⁶
“A autoridade é chamada a garantir à sua comunidade o tempo
e a qualidade da oração, velando pela fidelidade quotidiana da
mesma, com a consciência de que a Deus se vai com passos
pequenos, mas constantes.”¹⁷

2.1. À escuta do Espírito Santo

A atitude orante da Irmã Servente permite se deixar guiar pelo Espírito Santo que a dispõe a viver:

- O dom total dela mesma, em atitude de serva humilde, simples e caridosa;
- A aceitação dos seus limites e necessidade de conversão;
- A transparência e a coerência em suas palavras e maneira de agir;
- A atenção às Irmãs respeitando o mistério de Deus em cada uma.

São atitudes que revelam o rosto evangélico da autoridade que se coloca a serviço do progresso espiritual de cada membro e da edificação da vida fraterna¹⁸.

A preocupação da Irmã Servente, enquanto animadora da Comunidade, consiste em zelar pela qualidade da vida espiritual, criando com as Irmãs um clima de caridade, de fé e de oração¹⁹. Procura construir com as Irmãs uma Comunidade profundamente enraizada em Deus, que vive alimentada pela Palavra de Deus e pela vida sacramental.

¹⁷ O serviço da autoridade e a obediência, 13b.

¹⁸ A vida fraterna em comunidade, 49.

¹⁹ Cf. C. 36a.

2.2. Relação com Deus

A oração das Filhas da Caridade é uma oração de louvor, de ação de graças e de súplica; está unida à da Igreja e aberta a todas as dimensões da missão. Da qualidade desta relação com Deus, resultará a qualidade de todas as relações humanas.

Cada Comunidade determina, em seu Projeto comunitário, as modalidades da oração em comum. Em sua oração, as Irmãs permanecem atentas à Palavra de Deus, apresentam as necessidades do mundo e estão em solidariedade com os pobres: *“Sentem-se responsáveis de rezar com os pobres, por eles e em seu nome.”*²⁰

A Irmã Servente e as Irmãs têm a preocupação de guardar o carácter sagrado do lugar de oração, por uma atitude de respeito e de silêncio. Juntas, assumem os tempos de oração que escolheram, indispensáveis ao equilíbrio de vida. Vivem intensamente os tempos litúrgicos e solenizam as festas da Igreja e da Companhia.

As Irmãs aprendem de Maria a humildade, a simplicidade e a caridade que constituem o espírito de sua vocação. *“Meditam diariamente o terço, oração dos pobres... acolhem o mistério da salvação na oração do Ângelus...”*²¹

1.3. Meios de crescimento espiritual

**Juntas, a Irmã Servente e as Irmãs
são responsáveis para criar uma Comunidade de fé.**

A Irmã Servente tem o cuidado de criar com as Irmãs uma Comunidade de fé, de encontro pessoal com Jesus. A oração renova a união com Deus, fortalece a vida espiritual, comunitária e o serviço.

²⁰ C. 24f.

²¹ E. 7b, d.

Zela pela vivência da Eucaristia diária, do Sacramento da Reconciliação, da oração cotidiana da Liturgia das Horas, da leitura espiritual, do acompanhamento e direção espiritual, da releitura da vida, da revisão comunitária, reconciliação mútua, caridade espiritual, correção fraterna, retiros mensal e anual, do silêncio e da ascese. São instrumentos essenciais para o crescimento espiritual e a fidelidade criativa à vocação.

III. A CONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE

Com a Comunidade, a Irmã Servente é chamada a construir a comunhão fraterna, diariamente.

3.1. Relações fraternas

O serviço que é desempenhado como Irmã Servente é de animação da Comunidade local. Esse serviço é realizado com responsabilidade, humildade, espírito de fé, serenidade e atitude de serva.

A Irmã Servente procura criar com as Irmãs uma *“atmosfera de fé, de oração, de cordialidade e ardor apostólico na alegria”* (C.36a). Exerce a autoridade como um serviço e manifesta a cada Irmã a mesma atenção benevolente. Com espírito de fé e abertura de coração ela:

- Aceita cada Irmã tal como ela é, sem fazer distinção e, numa atmosfera de escuta e de respeito, a encoraja a partilhar a vida e a missão;
- Interessa-se por sua caminhada espiritual, seu serviço, suas dificuldades, suas necessidades, sua saúde, sua família...;
- Ajuda cada Irmã a ser disponível;
- Acolhe uma Irmã que chega à Comunidade com muita

cordialidade e facilita sua integração, dedica uma atenção especial às Irmãs em formação inicial;

- Permanece atenta às Irmãs idosas e doentes;
- Acompanha de maneira especial as Irmãs que vivem uma situação difícil;
- Fica atenta às Irmãs de um Anexo que a Visitadora pode lhe ter confiado.

O grande apelo que hoje se levanta no seio da vida consagrada é para criar Comunidades formadoras. *“Uma comunidade é formadora, na medida em que permite a cada um de seus membros crescer na fidelidade ao Senhor, segundo o carisma do instituto.”*²² Ora, toda comunidade é formadora, pois é no seio da vida fraterna que a formação vai acontecendo; tanto os documentos da Igreja, como os da Companhia deixam claro esta verdade. *“As religiosas e os religiosos em formação devem encontrar, no seio da sua comunidade, uma atmosfera espiritual, uma austeridade de vida e um estímulo apostólico capazes de impulsioná-los a seguir a Cristo segundo a radicalidade de sua consagração.”*²³ A comunidade é o lugar prioritário para fazer crescer a vida consagrada em toda a sua extensão. Ela prima por uma espiritualidade que gere nas pessoas consagradas uma grande paixão por Cristo e pela missão. São Vicente e Santa Luísa eram convictos desta verdade, encontramos em seus escritos forte ensinamento e grande zelo pela vida fraterna em comum.

3.2. O Projeto comunitário

Em função do serviço dos pobres, cada Comunidade local estabelece seu Projeto comunitário.²⁴ Ele é elaborado de acordo com as Constituições e Estatutos, o plano pastoral da Diocese, as prioridades e objetivos do Projeto provincial.

²² Orientações sobre a formação nos Institutos Religiosos, Edições Paulinas, 1990, nº 27

²³ Ibid.

²⁴ C. 83.

Ele deve favorecer um equilíbrio entre vida espiritual, comunitária e de serviço. Para cada uma dessas dimensões, a Comunidade estabelece objetivos a alcançar progressivamente e indica os meios apropriados para atingi-los. Contém precisões sobre a formação e a pastoral vocacional.

Ele deve ser realista, concreto, flexível e levar em conta as características próprias da Comunidade: pessoas que a compõem, diversidade do serviço dos pobres, contexto eclesial, social, cultural, etc.

Alguns detalhes podem figurar em anexo como o horário da comunidade (dia, semana, mês). A Irmã Servente estimula a participação ativa de todas as Irmãs na elaboração do Projeto. Esta ação é vivida na confiança e na sinceridade. Exige um tempo de discernimento, uma atitude de conversão e requer oração, diálogo e caridade.

3.3. Encontros comunitários

A Comunidade deve ser um lugar de fé, oração, alegria, fraternidade, intercâmbios e enriquecimento mútuo para um maior crescimento, partilhas e lazer.

A Comunidade estuda e aprofunda os temas necessários para sua missão: formação, discernimento sobre questões particulares, preparação das decisões, etc. Partilha a vida em todos os níveis, o que exige um clima de confiança, abertura e acolhimento da outra. A Irmã Servente é a responsável de suscitar a reflexão e o diálogo de temas diversos. Estes temas e partilhas são preparados pela Irmã Servente ou por outras Irmãs, a frequência é determinada no Projeto Comunitário.

3.4. Encontros pessoais

A Irmã Servente acompanha cada Irmã de sua Comunidade. Para isso recorre sempre ao Espírito Santo numa oração confiante e constante. O acompanhamento pessoal permite conhecer o mistério que habita em cada ser humano, tocar o espaço sagrado da sua vida para juntas caminhar como Irmãs; orientar a experiência

de Deus; proporcionar a lucidez e a nitidez dos objetivos a serem alcançados no processo formativo; esclarecer a distinção entre o que é bom e aquilo que é mau, a necessidade da disciplina que deve ser praticada e das renúncias que são inevitáveis. Trata-se de uma caminhada fraterna, de um crescimento humano e espiritual na vida de cada uma.

Encontram-se nas Orientações do Seminário de 2011 alguns pontos sobre o acompanhamento. Ele pode tomar diferentes formas, dentre as quais duas são importantes:

Acompanhamento – direção espiritual que reza a Constituição 20b, *“O acompanhamento e a direção espiritual são meios eficazes para crescer no seguimento de Cristo”*.

O acompanhamento ligado a uma responsabilidade específica que se encontra na C. 36; E. 21, que faz parte da tradição da Companhia. Ele é um apoio na caminhada vocacional. A Diretora do Seminário e a Irmã Servente realizam este acompanhamento, mas somente no período que desempenham o serviço que lhes foi confiado²⁵.

A comunicação é um meio privilegiado, um tempo forte para este acompanhamento. Santa Luísa sempre encorajava as Irmãs a serem atenciosas, cordiais e acolhedoras no momento da comunicação, isto para ajudar as Irmãs superarem seus pequenos defeitos, suas dificuldades e a praticar as virtudes para melhor servir os pobres.

A comunicação com a Irmã Servente deve ser feita sempre, mas tem os momentos altos e inegociáveis: para fazer o pedido de Renovação dos Votos, solicitar a graça de fazer o retiro anual, etc.

As Constituições indicam que a comunicação acontece *“várias vezes por ano, num clima de confiança e descrição mútuas”*²⁶. No entanto, após o envio em missão, por ocasião da preparação para os votos pela primeira vez e até os dez anos de vocação, as Irmãs vivem este encontro mais frequentemente (ao menos uma vez por mês).

²⁵ Orientações para a Formação Inicial após o Seminário de maio de 2011, p. 9

²⁶ E. 21b.

V. O COMPROMISSO COM A FORMAÇÃO

**Juntas, a Irmã Servente e as Irmãs
se entreadjudam a progredir em direção ao Senhor.**

A tarefa da formação na Companhia é exigente e delicada, pois uma jovem que entra para ser Filha da Caridade precisa ser cuidada com muito carinho; a sua formação é uma missão tão importante quanto o governo ou a direção de uma obra. Eis porque é necessário que a Irmã Servente seja bem formada e que continue a se formar (C.61), que seja aberta, de fácil relacionamento, que suscite confiança, seja humilde e tolerante em relação à divergência de caracteres e temperamentos às vezes opostos uns aos outros. A Irmã Servente precisa formar, sobretudo, pelo exemplo e cumprir com exatidão o regulamento comunitário (C.15, C.115, C.116).

5.1. Formação inicial

São Vicente quando orientava as primeiras Irmãs insistia. *“Que a Companhia das Filhas da Caridade foi estabelecida para amar a Deus, servi-Lo e honrar Jesus Cristo e a Santíssima Virgem.”*²⁷ O foco da vocação é o amor a Deus e o desejo de servi-Lo com fidelidade e gratuidade.

A Irmã Servente e a Comunidade se preparam para receber as pessoas em formação e para assumir seu papel de comunidade formadora, referindo-se aos objetivos das diferentes etapas, indicadas nas Constituições e Estatutos, no Guia de Formação inicial e no Plano de formação da Província.

Na raiz do chamado está o amor imenso de Deus por sua criatura, amor gratuito, pessoal e único. Essa descoberta é condição essencial para se viver com fidelidade a vida consagrada, é base que sustenta o edifício como tão bem expressou Jesus: *“Se alguém vem a mim, escuta minhas palavras e põe em prática, é semelhante ao homem que ao construir uma casa, cavou, aprofundou e lançou o alicerce sobre a rocha. Veio a enchente, a torrente deu contra essa casa, mas não a pôde abalar, porque estava bem construída”* [Lc 6,47-48].

²⁷ Conferência de 19 de julho de 1640, p. 12.

A Irmã Servente ajuda a Irmã em Formação inicial em missão a assumir progressivamente todas as exigências da vocação, partilhando ativamente a missão apostólica da Comunidade à qual está inserida.²⁸ A solidez da vocação é firmada no amor a Jesus Cristo, *“a pedra angular”* (At 4,11).

5.2. Formação contínua

A formação continuada alimenta o desejo em cada Irmã de continuar lutando para aprender a viver com mais coerência os valores evangélicos, aprender a *“controlar suas próprias inconsistências, para superar-se na liberdade da autotranscendência do amor”*²⁹. O exercício quotidiano da oração, do cultivar da vida interior, leva a pessoa consagrada a ser forte de espírito, a empreender mudança na sua vida, a superar os desafios e aceitar a tarefa diária de deixar-se educar, de formar-se na escola de Jesus, o Mestre dos mestres.

A Irmã Servente zela para que *“a formação das Irmãs não seja somente uma transmissão de conhecimentos mas que ela seja uma ocasião de construir convicções sólidas e enraizar-se sempre mais na vocação de Filha da Caridade”*³⁰.

O Guia, A Irmã Servente na Companhia, explicita que *“A Irmã Servente tem consciência da necessidade da sua formação, por isso procura desenvolver seus dons naturais e espirituais. Na sua função ela contribui também para a formação das Irmãs”*. Mas, também, é tarefa *“de cada Irmã cultivar o desejo de continuar a sua formação para responder sempre melhor à vocação de serva dos pobres. Cada Irmã se esforça para viver os acontecimentos da vida quotidiana e da vida fraterna como meios de formação”*³¹.

Em todas as etapas, a formação de cada Irmã é tarefa quotidiana, a começar pela vida de união com Cristo, que é nutrida dia-a-dia pelos momentos fortes de oração, pela Eucaristia, pelos sacramentos, pela familiaridade com a Palavra de Deus e pela

²⁸ Guia de Formação Inicial, p. 97 e seguintes.

²⁹ CENCINI, Amedeo. A árvore da vida, Paulinas, 2007

³⁰ Documento Interassembleias 2015-2021, p. 23

³¹ A Irmã Servente na Companhia das Filhas da Caridade, Guia, 2011, p.52

contemplação de Cristo no pobre. A vida fraterna é um meio de crescimento e amadurecimento espiritual, humano e vocacional.

Irmã Kathleen Appler na sua circular de 02/02/2017 conclama todas as Filhas da Caridade a *“refletir profundamente sobre a dimensão comunitária da nossa vida consagrada e a tomar corajosamente as medidas necessárias para aprofundar os laços fraternos em nossas Comunidades locais, para que elas se tornem sinais visíveis da nossa comunhão com Cristo”*³². Portanto, a formação é tarefa quotidiana, não se pode deixar para o dia seguinte perdoar uma ofensa recebida ou pedir perdão por ter ferido alguém. A Palavra de Deus encoraja a viver o amor e a fraternidade quando diz: *“Irai-vos, mas não pequeis: não se ponha o sol sobre a vossa ira”* (Efésios 4,26).

A Irmã Servente cultiva sua formação permanente e ajuda as Irmãs a viverem com amor e paixão sua vocação de *“toda doada a Deus para servi-Lo nos pobres”*. A Constituição deixa claro que a responsabilidade no processo de formação continuada é de cada *“Irmã no seu desejo de fidelidade crescente à vocação”*³³. É missão da Ir. Servente zelar para que as Irmãs vivam com fidelidade sua vocação, mas todas estão implicadas nesta missão formadora.

5.3. Pastoral vocacional

O Documento Interassembleias 2015-2021 pede para se *“reforçar a cultura do chamado através de um testemunho que atraia e evangelize”*. Pede ainda para *“abrir as Comunidades e oferecer aos jovens momentos de partilha, de oração, de serviço concreto aos pobres; para acompanhá-los e reler suas expectativas de fé e de serviço com eles”* (p. 24).

Cada Comunidade local é chamada a rezar pelas vocações, segundo a recomendação do Senhor, e a viver de maneira que se possa dizer: *“Vinde e vede”*³⁴. O testemunho evangélico da Comunidade local constitui para as jovens uma interpelação

³² Sr Kathleen Appler, Circular de 02.02.2017

³³ Constituição 51a

³⁴ Jo 1, 39.

para se abrir ao chamado do Cristo³⁵. A comunidade precisa se *"comprometer mais com a Pastoral da Juventude e da Família nas paróquias e nos diversos movimentos"*³⁶.

PARA CONCLUSÃO

A vida consagrada tem a missão de revelar o rosto de Jesus Cristo ao mundo, o Cristo manso, obediente e humilde, que vivia em estreita união com o Pai. O Cristo orante e totalmente conduzido pelo Espírito de Deus. O Cristo profeta que instaurou o Reino de Deus no mundo.

A Irmã Servente tem a tarefa de animar a Comunidade local, mas também é responsável de ajudar na formação das jovens que entram para ser Filhas da Caridade e das Irmãs Jovens no período da formação inicial (C.57). A ela é também dada a responsabilidade pela missão que a Comunidade realiza no serviço dos pobres e na pastoral da Igreja local. Toda essa responsabilidade é vivida na corresponsabilidade, pois todas as Irmãs da Comunidade são implicadas no cumprimento desta missão.

Se a formação é antes de tudo obra da Irmã, isto quer dizer que formar, é ajudar *aquele que se forma*, por isto devemos pôr de lado nosso interesse pessoal para considerar as diretivas do Espírito Santo na sinceridade e na objetividade. A Irmã Servente age como a delegada do Espírito Santo. Na origem da Companhia Santa Luísa redigiu um Regulamento para a Diretora do Seminário (*Ofício da Zeladora*) que era também a Irmã Servente da Casa, dizendo: *"A Irmã Zeladora terá um cuidado muito especial em considerar as obrigações de seu cargo... despojando-se de suas paixões para agir desinteressadamente, e, se possível, sem julgamento próprio. Pedirá, com frequência, a ajuda do Espírito Santo para não olhar suas Irmãs e o que fazem, senão com sua divina luz."* (E.48, pág.867)

Que a Santíssima Virgem Maria abençoe todas as Filhas da Caridade, de modo especial, as Irmãs Serventes e as que trabalham na formação. Que todas possam viver o espírito de serva da Mãe de Jesus.

³⁵ Cf. C. 59.

³⁶ Documento Interassembleias 2015-2021, p. 24



A IGREJA

EPIFANIAS

A Igreja celebra três epifanias. A festa dos Reis Magos ou Dia dos Santos Reis é conhecida como Epifania, palavra que em grego significa manifestação, no sentido de que Deus se revela e se manifesta.

Entretanto, a Igreja celebra como Epifanias três manifestações da vida de Jesus: a Epifania diante dos Magos do Oriente (manifestação aos pagãos), a Epifania do Batismo do Senhor (manifestação aos judeus) e a Epifania das bodas de Caná (manifestação aos seus discípulos).

EM TEMPOS DE PANDEMIA

Um vírus (coronavírus) agressivo, contagioso, surgido na China, causador da COVID-19, doença contagiosa com alto poder de letalidade, rapidamente se disseminou por todos os continentes levando dor, angústia e preocupações a todo povo.

Inicialmente apontados como grupos de risco, idosos a partir de 60 anos e pessoas com doenças preexistentes, logo, logo, a realidade demonstrou que, na verdade, não era bem assim. A observação do que está ocorrendo no mundo vem demonstrando que pessoas bem mais jovens e até crianças têm sido vítimas fatais desta enfermidade.

A ciência, apesar de seus formidáveis avanços, ainda não conseguiu uma vacina para prevenção nem um remédio de comprovada eficácia para a cura. Mostra que a melhor medida para evitar a expansão do vírus e o caos na saúde pública é o isolamento

social, “o fique em casa”, medida insistentemente recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), endossada pelo Ministério da Saúde, bem como por governadores e prefeitos, provocando restrições às aglomerações e o ir à rua sem que haja uma real necessidade. Além disso, medidas de higiene são apontadas, como lavar com frequência as mãos e o uso do álcool gel.

Porém, a adoção das medidas restritivas não tem sido pacífica no Brasil, devido às confusões geradas pelo governo federal que vem se referindo à COVID-19 como a uma gripezinha, e na sua desmedida preocupação com a economia do país, esquece que a vida humana é um valor mais importante do que o dinheiro e o lucro. Por isso, ameaça constantemente com decretos exigindo o retorno a todas as atividades e exibindo atitudes contrárias às medidas de proteção aconselhadas pelos especialistas da área de saúde.

Países bem sucedidos economicamente e dotados de sistemas de saúde altamente qualificados vêm sofrendo grandes perdas humanas. Nosso Brasil, que ainda concentra milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza, caracterizada pela fome, desnutrição, doenças endêmicas, residências insalubres, falta de água tratada e de esgotos, não pode infringir o “fique em casa” para salvaguardar vidas.

A COVID-19, porém, despertou a solidariedade entre vizinhos e em pessoas que generosamente se empenham em buscar meios para suprir carências dos irmãos mais vulneráveis e de hospitais desprovidos dos insumos necessários.

Diante de uma pandemia que se abate sobre ricos e pobres, pequenos e grandes na escala social, certamente devemos perguntar-nos: O que Deus quer sinalizar ao permiti-la?

Rezemos, com o Papa Francisco, pelo fim da pandemia:

*“Deus ponha termo a esta tragédia,
que Ele acabe com esta pandemia.
Deus tenha piedade de nós e*

*ponha fim também às outras terríveis pandemias:
da fome, da guerra, das crianças sem escola.
É isto que pedimos como irmãos, todos juntos.
Deus nos abençoe a todos e tenha piedade de nós!”*

(Papa Francisco, em 14/05/2020).

COM A PRAÇA SÃO PEDRO VAZIA, O PAPA FRANCISCO presidiu na sexta-feira, 27/03, um momento extraordinário de oração, para suplicar a misericórdia de Deus neste tempo de pandemia de Coronavírus. No final da oração, o Santo Padre concedeu uma benção extraordinária e a indulgência plenária.



HOMILIA DO SANTO PADRE

“Ao entardecer...” (Mc 4, 35): assim começa o Evangelho, que ouvimos. Desde há semanas que parece o entardecer, parece cair a noite. Densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se das nossas vidas, enchendo tudo dum silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que paralisa tudo à

sua passagem: pressente-se no ar, nota-se nos gestos, dizem-no os olhares. Revemo-nos temerosos e perdidos. À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados “vamos perecer” (cf. 4, 38), assim também nós nos apercebemos de que não podemos continuar estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos.

Rever-nos nesta narrativa, é fácil; difícil é entender o comportamento de Jesus. Enquanto os discípulos naturalmente se sentem alarmados e desesperados, Ele está na popa, na parte do barco que se afunda primeiro... E que faz? Não obstante a tempestade, dorme tranquilamente, confiado no Pai (é a única vez no Evangelho que vemos Jesus a dormir). Acordam-No; mas, depois de acalmar o vento e as águas, Ele volta-Se para os discípulos em tom de censura: “Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” (4, 40).

Procuremos compreender. Em que consiste esta falta de fé dos discípulos, que se contrapõe à confiança de Jesus? Não é que deixaram de crer N’Ele, pois invocam-No; mas vejamos como O invocam: “Mestre, não Te importas que pereçamos?” (4, 38). *Não Te importas*: pensam que Jesus Se tenha desinteressado deles, não cuide deles. Entre nós, nas nossas famílias, uma das coisas que mais dói é ouvirmos dizer: “Não te importas de mim”. É uma frase que fere e desencadeia turbulência no coração. Terá abalado também Jesus, pois não há ninguém que se importe mais de nós do que Ele. De fato, uma vez invocado, salva os seus discípulos desalentados.

A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e

abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de “empacotar” e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestesiá-los com hábitos aparentemente “salvadores”, incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades.

Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso “eu” sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos.

“Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” Nesta tarde, Senhor, a tua Palavra atinge e toca-nos a todos. Neste nosso mundo, que Tu amas mais



do que nós, avançamos a toda velocidade, sentindo-nos em tudo fortes e capazes. Na nossa avidez de lucro, deixamo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertamos face a guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. Agora nós, sentindo-nos em mar agitado, imploramos-Te: “Acorda, Senhor!”

“Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” Senhor, lanças-nos um apelo, um apelo à fé. Esta não é tanto acreditar que Tu existes, como sobretudo vir a Ti e fiar-se de Ti. Nesta Quaresma, ressoa o teu apelo urgente: “Convertei-vos...”. “Convertei-Vos a Mim de todo o vosso coração” (Jl 2, 12). Chamas-nos a aproveitar este tempo de prova como *um tempo de decisão*. Não é o tempo do teu juízo, mas do nosso juízo: o tempo de decidir o que conta e o

que passa, de separar o que é necessário daquilo que não o é. É o tempo de reajustar a rota da vida rumo a Ti, Senhor, e aos outros. E podemos ver tantos companheiros de viagem exemplares, que, no medo, reagiram oferecendo a própria vida. É a força operante do Espírito derramada e plasmada em entregas corajosas e generosas. É a vida do Espírito, capaz de resgatar, valorizar e mostrar como as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns (habitualmente esquecidas), que não aparecem nas manchetes dos jornais e revistas, nem nas grandes passarelas do último espetáculo, mas que hoje estão, sem dúvida, a escrever os acontecimentos decisivos da nossa história: médicos, enfermeiros e enfermeiras, trabalhadores dos supermercados, pessoal da limpeza, curadores, transportadores, forças policiais, voluntários, sacerdotes, religiosas e muitos – mas muitos – outros que compreenderam que ninguém se salva sozinho. Perante o sofrimento, onde se mede o verdadeiro desenvolvimento dos nossos povos, descobrimos e experimentamos a oração sacerdotal de Jesus: “Que todos sejam um só” (Jo 17, 21). Quantas pessoas dia a dia exercitam a paciência e infundem esperança, tendo a peito não semear pânico, mas corresponsabilidade! Quantos pais, mães, avôs e avós, professores mostram às nossas crianças, com pequenos gestos do dia a dia, como enfrentar e atravessar uma crise, readaptando hábitos, levantando o olhar e estimulando a oração! Quantas pessoas rezam, se imolam e intercedem pelo bem de todos! A oração e o serviço silencioso: são as nossas armas vencedoras.

“Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” O início da fé é reconhecer-se necessitado de salvação. Não somos autossuficientes, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor como os antigos navegadores, das estrelas. Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. Confiemos-Lhe os nossos medos, para que Ele os vença. Com Ele a bordo, experimentaremos – como os discípulos – que não há naufrágio. Porque esta é a força de Deus: fazer resultar em bem tudo o que nos acontece, mesmo as coisas ruins. Ele serena as nossas tempestades, porque, com Deus, a vida não morre jamais.

O Senhor interpela-nos e, no meio da nossa tempestade, convida-nos a despertar e ativar a solidariedade e a esperança, capazes de dar solidez, apoio e significado a estas horas em que tudo parece naufragar. O Senhor desperta, para acordar e reanimar a nossa fé pascal. Temos uma âncora: na sua cruz, fomos salvos. Temos um leme: na sua cruz, fomos resgatados. Temos uma esperança: na sua cruz, fomos curados e abraçados, para que nada e ninguém nos separe do seu amor redentor. No meio deste isolamento que nos faz padecer a limitação de afetos e encontros e experimentar a falta de tantas coisas, ouçamos mais uma vez o anúncio que nos salva: Ele ressuscitou e vive ao nosso lado. Da sua cruz, o Senhor desafia-nos a encontrar a vida que nos espera, a olhar para aqueles que nos reclamam, a reforçar, reconhecer e incentivar a graça que mora em nós. Não apaguemos a mecha que ainda fumeja (cf. Is 42, 3), que nunca adoece, e deixemos que reacenda a esperança.

Abraçar a sua cruz significa encontrar a coragem de abraçar todas as contrariedades da hora atual, abandonando por um momento a nossa ânsia de onipotência e possessão, para dar espaço à criatividade que só o Espírito é capaz de suscitar. Significa encontrar a coragem de abrir espaços onde todos possam sentir-se chamados e permitir novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade. Na sua cruz, fomos salvos para acolher a esperança e deixar que seja ela a fortalecer e sustentar todas as medidas e estradas que nos possam ajudar a salvar-nos e a salvar. Abraçar o Senhor, para abraçar a esperança. Aqui está a força da fé, que liberta do medo e dá esperança.

“Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?” Queridos irmãos e irmãs, deste lugar que atesta a fé rochosa de Pedro, gostaria nesta tarde de vos confiar a todos ao Senhor, pela intercessão de Nossa Senhora, saúde do seu povo, estrela do mar em tempestade. Desta colunata que abraça Roma e o mundo desça sobre vós, como um abraço consolador, a bênção de Deus. Senhor, abençoa o mundo, dá saúde aos corpos e conforto aos corações! Pedes-nos para não ter medo; a nossa fé, porém, é fraca e sentimo-nos temerosos. Mas Tu, Senhor, não nos deixes à mercê

da tempestade. Continua a repetir-nos: “Não tenhais medo!” (Mt 14, 27). E nós, juntamente com Pedro, confiamos-Te todas as nossas preocupações, porque Tu tens cuidado de nós (cf. 1Ped 5, 7).

TERÇO EM COMUNIDADE

O **Papa Francisco** insiste sobre a beleza de descobrir a reza do terço em comunidade, destacando que a contemplação do rosto de Cristo, juntamente com o coração de sua mãe, tornar-nos-á mais unidas como família espiritual e ajudar-nos-á a superar as provações.



E oferece-nos a oração que está rezando durante a pandemia.

“Ó Maria, vós sempre resplandeceis em nosso caminho como um sinal de salvação e esperança. Confiamo-nos a vós, saúde dos enfermos, que permanecestes junto da cruz, associada ao sofrimento de Jesus, mantendo firme a vossa fé.

Vós, salvação do povo, sabeis de que precisamos e temos a certeza de que no-lo proporcionareis para que, como em Caná da Galileia, possa voltar a alegria e a festa depois desta provação.

Ajudai-nos, Mãe do Divino Amor, a conformar-nos com a vontade do Pai e a fazer aquilo que nos disser Jesus, que assumiu sobre si as nossas enfermidades e carregou as nossas dores para nos levar, através da cruz à alegria da ressurreição. Amém.”

NOSSOS ENCONTROS

ENCONTROS DE REPASSE, TEMPO DE ENCONTRO E PARTILHA!

A Província do Rio de Janeiro foi agraciada com a oportunidade de sediar a I Sessão de Formação Vicentina das Filhas da Caridade do Brasil, de 01/07 a 03/08/2019. Naquela ocasião, recebemos 64 Irmãs, vindas de todas as Províncias do Brasil. Bebemos o carisma, vivemos o encontro fraterno, partilhamos a missão. Terminado o tempo privilegiado de graça, coube-nos o compromisso do Repasse da Sessão às demais Irmãs da Província.



O primeiro Encontro de Repasse ocorreu em 08 de fevereiro de 2020. Foi preparado para as Irmãs a partir de 61 anos de Vocação. Contamos com 52 participantes entusiasmadas e agradecidas por fazer parte da história de nossa Província. Visitamos o Memorial, rezamos juntas e, após a Celebração Eucarística, houve um saboroso lanche de confraternização.



No dia 28 de fevereiro, recebemos 32 Irmãs, entre 50 e 60 de Vocação, para o segundo Encontro de Repasse da Sessão. O Encontro estendeu-se até 01/03. As Irmãs reavivaram a chama da vocação e da Espiritualidade Vicentina, a partir dos temas trabalhados pela Equipe de Repasse: a Mística Vicentina, os Escritos de Luísa de Marillac, a Vida Fraterna, o Sentido de Pertença, a Mensagem de 1830, as Constituições, o Guia da Irmã Servente e a História da Companhia no Brasil, seguida da visita ao Memorial. Tivemos uma bela oportunidade de convivência fraterna, de partilha, um verdadeiro reabastecimento. As Irmãs encarregadas do Repasse contaram com as luzes com Espírito, tanto na elaboração dos conteúdos quanto dos momentos de oração e nas Celebrações da Eucaristia.

Por tudo demos graças a Deus e cantemos Magnificat!

E, é claro, aguardamos ansiosas a chegada do terceiro grupo, as Irmãs até 49 anos de vocação, e de todas as que ainda não conseguiram participar do Repasse.

Agradecemos a participação de todas.

Equipe do Repasse

4ª JORNADA PEDAGÓGICA VICENTINA



Sextou! Para muitos essa nova maneira de se expressar descreve o fim de uma semana de trabalho, de uma etapa. No Colégio São José, “sextamos” com o último dia da 4ª Jornada Pedagógica Vicentina, no entanto, ela não finalizou um período e sim fez nascer em todos os educadores a semente do fazer.

Foi uma semana de conexões, iniciamos com a Irmã Carolina Mureb que nos fez revisitar nossos valores, viajar em nossa essência, bebendo da fonte dos ideais da educação vicentina.

Não somos um barco à deriva, possuímos um farol que nos guia para encontrarmos caminhos onde possa parecer ser tudo igual. O grande diferencial de nossa educação é ser norteadada por essa luz divina. Nós, educadores vicentinos, não podemos deixar de usar tão grandioso farol. Em momentos de turbulência, onde novas tendências podem agitar o mar a nossa volta, temos na proposta vicentina uma âncora poderosa. Ela não nos impede de navegar, de ir além, nos serve de segurança para evitar que possamos nos despedaçar no mar revolto de ações que podem nos afastar de nossa missão, indo de encontro às pedras da indiferença visando lucro. A Irmã Carolina nos fez reconectar com a nossa proposta, instigou em todos a necessidade de reavaliar as práticas e se colocar como um educador que acolhe, cuida, que usa a excelência

acadêmica sem se esquecer da excelência humana. É preciso que as famílias, a sociedade sinta em todos nós o cintilar do Carisma Vicentino. Temos uma responsabilidade social dentro do processo educacional, não podemos nos colocar como neutros e sim nos pautar no verdadeiro, empático e justo Cristo, com base nas ações do Papa Francisco e nas propostas defendidas por ele.

Revigorados no Carisma, mergulhamos na inclusão. O professor Antônio Jorge de Pina nos chamou ao compromisso de pautar nossas práticas visando a acessibilidade em todos os momentos. É um grande desafio levar a inclusão para além da acessibilidade predial, encontrar caminhos que nos conectem com todos os alunos sem qualquer distinção, tornando a aprendizagem possível a cada visão de mundo, independentemente de qualquer limitação. Incluir de fato e não apenas integrar. Não cabe a um educador vicentino esperar, acomodado, por propostas. É preciso buscar ferramentas, é latente querer vencer esse desafio diário, buscando ações dentro de nossas especializações. A inclusão é uma extensão do cuidado e do amor presentes em nossa proposta, faz parte de nossa responsabilidade social, assim como aponta nosso projeto de educação. Precisamos estudar meios para que a inclusão aconteça, planejar em equipe para construirmos uma educação justa, fazendo com que nossos educandos também possam “ser guardas de seus irmãos”, criando um ambiente onde todos possam se tornar protagonistas de suas vidas tendo o amor vencendo a indiferença e a diversidade colorindo o grupo.

Que momento rico nos trouxe o professor Aldeir Rocha, reflexões sobre nossa intenção pedagógica com exemplos grandiosos sobre caminhos que podem nos ajudar a avaliar melhor nossos alunos em seus níveis de cognição. Desenvolver ações que permitam maiores resultados, usando ferramentas que estão à nossa disposição e, muitas vezes, deixamos passar, utilizar os erros como processo para encontrar as lacunas que impedem o aluno de desenvolver suas habilidades. Uma aula técnica que impactou nossa visão e poderá nos fazer ampliar os resultados na formação das competências. A vontade de seguir ouvindo seus apontamentos continuou em todos, seriam de muita valia novos encontros sobre essa temática

tão importante para vincular nosso cuidado com o sucesso no campo de cognição.

Os demais temas seguiram se interligando de forma a ampliar nosso horizonte, como uma grande escada, que gradativamente nos fez refletir em todos os pontos fundamentais para nosso sucesso. Assim como colocou nosso orientador, Jorge Vargas, precisamos nos manter conectados com nossa tradição sem nos desligarmos da inovação. Nossos desafios para nos mantermos como uma escola em pastoral podem ser vencidos com a “CHAVE” que nos faz vicentinos. O Frei Adriano Nascimento nos permitiu um momento de compreensão da fraternidade, inserindo a Campanha que engloba toda pedagogia do cuidado que debatemos desde o primeiro dia e precisa ser o nosso lema durante todo processo. Seu jeito carinhoso de nos chamar à nossa missão, contribuiu para fazer brotar a semente do fazer em nossos corações.

Para que possamos ser educadores nota 10, como nos apontou a palestrante Patrícia Dias, precisamos lembrar de formar líderes que protagonizem uma história com o Carisma, capazes de alterar a sociedade muito além da excelência acadêmica, compreendendo que de fato, “só com amor se move a vida”. Formando cidadãos que possam ser muito mais que profissionais com chance de sucesso, que desenvolvam a humanidade colocando as lições de Cristo em suas ações.

Nossa Jornada se iniciou na sexta, uma Jornada em busca de um 2020 repleto de resultados positivos em todos os aspectos da nossa proposta de educação. Não temos soluções prontas, mas muita vontade de nos dedicarmos para fazer o melhor todos os dias, buscando não fazer de novo e sim fazer o novo, debruçarmos em nosso projeto vicentino para pautar nossas ações.

“A educação não transforma o mundo. A educação transforma pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

Estaremos todos em busca de um ano de transformações.

ENCONTRO DE FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA

No Encontro de Formação Administrativa realizado nos dias 09 e 10 de março de 2020 foram apresentados claramente os processos e projetos da Associação São Vicente de Paulo, Associação de Educação São Vicente de Paulo e Associação Socioassistencial São Vicente de Paulo.

O Encontro nos proporcionou esclarecimentos importantes de forma fácil e prática para entendermos a nova estrutura organizacional de cada setor das Associações.

Foi também um momento de revisão de vida dos colaboradores e seus trabalhos. A dinâmica de autoconhecimento foi bem aplicada e a apresentação da importância do outro e do trabalho em parceria foi bastante motivadora.

E o mais importante de tudo, o Encontro foi realizado em meio à oração e à intercessão de São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac.

Aline O. Santos, colaboradora



XXI ENCONTRO INTERPROVINCIAL DOS CONSELHOS DO BRASIL

De 13 a 18 de março de 2020, realizou-se na Casa Provincial de Recife o XXI Encontro Interprovincial dos Conselhos das 6 Províncias das Filhas da Caridade, no Brasil, com seus respectivos diretores, secretárias e ecônomas provinciais, com o Tema: *“Ephata, Províncias do Brasil, com presença, fidelidade e testemunho!”*



Este tema nos conduziu durante todo encontro, ajudou-nos a mergulhar nas realidades das Províncias e a reacender a Luz Divina que inspirou São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac, e hoje, continua conduzindo a Companhia a responder aos apelos dos pobres, em fidelidade ao carisma.

As celebrações festivas, as belíssimas orações iluminadas pela espiritualidade vicentina, os momentos de reflexão, partilha, cantos enriqueciam-nos e nos asseguravam todo o dia a presença do Espírito Santo.

Os temas do encontro, explanados por competentes assessores, ampliaram e fortaleceram nossa visão do futuro da Companhia e das nossas Províncias. Foram os seguintes:

- *Análise de conjuntura: as mudanças nas políticas sociais brasileiras e seus impactos hoje*, pelo Padre Manoel Godoy.

- *Diante da fragmentação dos valores humanos e morais, como trabalhar a integração na formação*, conduzido pelo professor Adalto Luís Chitolina

- *O desafio da missionariedade da Companhia frente à diminuição de vocação, em especial no Brasil. Que caminhos podemos seguir?*, divinamente apresentado pelo nosso querido Pe. Eli Chaves, Provincial da CM.

- *Viver com fidelidade o carisma diante dos desafios atuais*, com a Conselheira Geral Ir. Raimunda Corina Sousa Bastos.

Todas as conferências com seus conteúdos encarnados na realidade, as experiências dos palestrantes, as reflexões em grupo, as apresentações da caminhada realizada pelas Províncias com avaliação das linhas de ação 2017/2020, nos ajudaram a traçar pistas de ação para serem vivenciadas nos próximos três anos com ousadia e coragem.

Já enriquecidos, pelo que ouvimos, refletimos e rezamos, nós, os membros do XXI Interprovincial, nos propusemos viver o *Ephata, com presença, fidelidade e testemunho*, assumindo as seguintes prioridades que serão agilizadas em consonância com as que forem estabelecidas pela Assembleia Geral de 2021:

- Reconfigurar as Províncias do Brasil construindo uma equipe interprovincial para organizar e acompanhar o processo, em comunhão com os Conselhos.
- Continuar o processo de unificação da Formação.
- Intensificar o processo de Revisão de Obras para responder aos apelos dos pobres viabilizando a reconfiguração das Províncias do Brasil.

No dia 18, uma grande tristeza pairou em nosso coração ao recebermos a notícia do falecimento de nossa Superiora Geral, Ir. Kathleen Appler. Como a graça de Deus confirma nossa crença na Ressureição, acreditamos que ela vela por nós, suas filhas. Deixou a saudade, os exemplos de um grande amor pelos pobres, grande amor por nós, um sorriso de entrega, de aceitação, de doçura, a lembrança de seu dinamismo pela Missão assumida com total dedicação e alegria.

Ela se foi, mas ficam os seus exemplos e suas palavras: *“...tenhamos a coragem de pedir a Deus um maior dinamismo espiritual... de configurar nossa vida com a de Cristo; assim Ele nos tornará inseparáveis dos pobres”*.

Também em nossa programação constava a presença do Superior Geral, o Padre Tomaž Mavrič, que devido à Pandemia - Covid 19 - não foi possível.

Os desafios são grandes, mas nos sentimos fortes para atender ao apelo da Companhia: **EPHATA**, ir verdadeiramente aos mais

pobres. Por isso, se faz necessário e urgente continuarmos a revisão de obras, para que o carisma seja vivenciado com ardor e, ao mesmo tempo, possibilitar a reconfiguração das Províncias do Brasil, assumida como uma das prioridades.

Festejando os 50 anos da presença das Irmãs na Província de Recife tivemos uma linda noite cultural, relatando a história de como e quando tudo começou...

Também nos foi proporcionado visitar a Casa, hoje “Museu Dom Helder Câmara”, marco da história de uma Igreja que está junto dos Pobres, que luta pela justiça, pela paz, de uma Igreja sempre em defesa dos que são postos à margem sem voz e sem vez.



Agradecemos a Deus os momentos vividos em Recife. Às Irmãs da Província de Recife expressamos nossa gratidão! Em nosso coração ficou o calor da amizade, da partilha, do carinho, a satisfação de ver tudo tão bem organizado e feito com amor, os gestos fraternos de cada Irmã.

Parabenizamos também a Província de Recife pelos seus 50 anos de serviço a Deus servindo os pobres e desejamos-lhe inúmeras bênçãos de Deus.

Partimos pedindo a Deus e à Virgem Maria pelo nosso mundo, por nosso Brasil, pelos pobres, pois sabemos que em tempo de Pandemia quem mais sofre são os mais vulneráveis.

*Ir. Rizomar Bonfim Figueiredo
Conselheira*

ENCONTRO DE EDUCAÇÃO: ÁREAS DE LINGUAGEM E MATEMÁTICA

“O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos.”

Rubem Alves

Motivados pelo desejo de que a Educação Vicentina seja um ato de amor afetivo e efetivo, educadores das áreas de Linguagem e Matemática de nossas escolas se reuniram nos dias 15 e 16 de fevereiro de 2020, na Casa Provincial.



Acolhidos por Ir. Cristina e pela Comissão de Educação, os professores coordenadores dessas áreas e um coordenador (a) pedagógico (a) de cada instituição foram assessorados por especialistas da SM Educação, editora católica e parceria da Rede Vicentina de Educação em nossa Província.



O objetivo deste encontro foi alinhar as áreas de conhecimento para que, progressivamente, possamos construir a matriz curricular da Rede. Isso facilitará o processo de avaliação de rendimento de nossos alunos, bem como da prática pedagógica de nossos educadores. Foi também, uma oportunidade de troca de experiências, de aprender outras formas de realizar nossa missão educativa.

Partilhamos a Palavra e a Eucaristia celebrando, juntos, a missa tanto no sábado quanto no domingo. O momento de espiritualidade e a reflexão feita por Irmã Carolina foram momentos de formação vicentina e aprofundamento do nosso Carisma, essencial para que nossa presença no mundo da educação seja fiel ao serviço dos pobres e às inspirações de nossos Fundadores.

O tradicional momento de confraternização aconteceu no sábado à noite, na pizzeria Parmê, onde aproveitamos para descansar dos trabalhos e nos conhecermos melhor.

Os educadores saíram entusiasmados e sentindo-se desafiados pelas propostas da Rede neste momento. Em suas avaliações manifestam, sempre, gratidão pela acolhida das Irmãs e colaboradores da Casa Provincial, pela oportunidade de formação e de se encontrarem, e também, pelos momentos de oração.

Comissão de Educação

REUNIÃO EM PREPARAÇÃO AO IX INTERPROVINCIAL DO SAVV

Foi realizado nos dias 21 e 22 de fevereiro de 2020, na Casa Provincial das Filhas da Caridade, o primeiro encontro deste ano para as animadoras vocacionais de nossa Província, que trouxe como tema e lema os mesmos escolhidos para o IX ENCONTRO INTERPROVINCIAL DO SAVV, a saber: *“Criando uma Cultura Vocacional no meio das juventudes”* e *“Saíamos! Saíamos para levar a todos a vida de Jesus Cristo”* (Papa Francisco – EG nº49). Uma vez que o IX Interprovincial será sediado por nossa Província, este encontro teve como principal meta, propiciar a todas as Irmãs e afiliadas presentes, a possibilidade de amarrarem todas as providências a respeito de suas equipes e trabalhos específicos.

Iniciamos nosso momento de encontro com um delicioso jantar seguido da acolhida fraterna de nossa Visitadora, Irmã Maria Cristina que, dando boas vindas a todas, destacou a importância do SAVV como sinal de força e esperança para nossa Província,

sobretudo em tempos de grande desafio para uma animação vocacional que toque os corações das jovens, despertando-as para suas vocações no seio da Igreja. Agradeceu a todas as presentes por terem correspondido ao chamado para somarem forças com a Província na preparação deste encontro interprovincial, na certeza de suas orações pelo bom êxito de nosso encontro de fraternidade e partilha.



Logo após, seguimos para a adoração ao Santíssimo, colocando aos pés de Nosso Senhor, todo o nosso anseio de sermos abraçadas em Seu Divino Amor, de modo que isso nos anime, umas às outras e nos impulse a iralém, em nossa missão de animadoras vocacionais. Acolhidas pelo Divino Mestre, seguimos para o nosso descanso.

O sábado iniciou-se em torno do altar do Senhor que nos despertou para louvar e exaltar seu nome, participando da Santa Eucaristia junto à Comunidade do Santuário, casa da Mãe da Medalha Milagrosa. Após o café, seguimos para o início das atividades coordenadas por Irmã Sandilene, apresentando a caminhada de preparação para o encontro Inter desde o último encontro de animadoras ocorrido em outubro de 2019, em que as

participantes tiveram o primeiro contato com alguns elementos deste encontro. Foi um momento frutuoso de partilha e participação livre e espontânea das Irmãs, além de ser oportuno para as equipes reverem suas atribuições e seguirem com os trabalhos, tomando providências diversas para o acompanhamento de algumas jovens que vêm mantendo contato conosco, quais sejam: Jéssica Stephanie, 20 anos, de Birigui/SP; Thamirys Ribeiro, 19 anos de Colniza/MT; Marcela Teixeira, 38 anos do Rio de Janeiro; Joelissa Laís de Oliveira, 28 anos de Mirante do Paranapanema/SP; Wendy, de 22 anos, Sorocaba/SP; Fabiana de 25 anos, de São José do Rio Preto/SP e Caroline, 25 anos do Rio de Janeiro/RJ. Rezemos por estas jovens em seu processo de discernimento vocacional.

Oportuno ressaltar a presença amiga e fraterna de Irmã Carolina, conselheira que caminha junto ao SAVV e à formação. Muito do bom êxito de nossas partilhas deve-se a sua valiosa presença e moderação, nos ajudando a não perder de vista o foco de nossas vidas e de nossos trabalhos: Jesus Cristo.

Nesta perspectiva de partilha e entreajuda, seguiu todo o dia de trabalho, de tal modo que foi possível finalizar nosso encontro com uma sessão de cinema com o filme, DOIS PAPAS.

Louvamos e agradecemos a Deus por tamanha bondade para conosco e pela presença de todas as Irmãs que nos deram belo testemunho de pertença e amor à Companhia do presente e do futuro, a partir do trabalho desenvolvido no Serviço de Animação Vocacional Vicentino. Por tudo isso, BENDIGAMOS O SENHOR!

Equipe Central do SAVV

PASSAGEM DE IR. KATHLEEN APPLER

No dia 08/03/2020, após uma dolorosa enfermidade, faleceu em nossa Casa Mãe, em Paris, nossa SUPERIORA GERAL IRMÃ KATHLEEN APPLER.

Em uma bela carta, tendo como endereço o Céu, PADRE TOMÁS MAVRIC, nosso SUPERIOR GERAL, relatou a generosa caminhada de nossa querida Irmã como Filha da Caridade, a serviço de Deus presente nos irmãos e irmãs. Vejamo-la:

Querida Ir. Kathleen,

Nos últimos dias, escrevi para você várias vezes em seu endereço na Casa Mãe das Filhas da Caridade, em Paris, França.

Hoje estou escrevendo para o seu novo endereço no Céu.

Gostaria de expressar minha mais profunda gratidão a você por todos os 4 anos que tive o privilégio de conhecê-la, de descobrir o seu coração materno, seu coração que bate constantemente por cada Filha da Caridade, por nossa Pequena Companhia, pela Família Vicentina e pelos pobres! Você foi e é para mim um exemplo de uma pessoa que viveu ao máximo as virtudes da simplicidade, da humildade e da caridade. Sempre apreciei sua profunda colaboração, sua proximidade. Gosto da maneira como você termina suas cartas: "União em oração"!



★ 23/02/1952

Vocação: 23/04/1973

Generalato: 2015-2020

† 18/03/2020

Na verdade, é a primeira carta que lhe envio em seu novo endereço no Céu. Como sempre, continuarei escrevendo para você. Continuaremos nossa correspondência regular. A única coisa que muda é o endereço. Nesta primeira carta a seu novo endereço, gostaria de garantir-lhe que continuarei lembrando de você durante a Eucaristia, o Rosário, a Adoração ao Santíssimo Sacramento. Com você no céu, permanecemos em união de orações por cada Filha da Caridade, por nossa Pequena Companhia, a Família Vicentina e pelos pobres!

Querida Irmã Kathleen, tenho uma forte convicção de que você está unida ao exército de santos da família Vicentina e que hoje começou a interceder pelos pobres, pelas Filhas da Caridade, pela Congregação da Missão e o resto da família vicentina.

Unidos em oração!

*Tomás Mavric, CM
Supervisor Geral*



CARTA DE IR. FRANÇOISE PETIT APÓS AS EXÉQUIAS DE IR. KATHLEEN APPLER

Paris, 28 de março de 2020

Queridas Irmãs,

Que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

Durante a celebração das exéquias da Irmã Kathleen, estivemos muito unidas pelo pensamento e pela oração para agradecer ao Senhor pela sua vida e por tudo o que ela deu à Companhia.

Em nome dos membros do Conselho Geral, agradeço-lhes as numerosas mensagens recebidas das Províncias, que testemunharam a proximidade na oração. A maioria das Comunidades viveu uma celebração ao mesmo tempo em que o funeral foi celebrado na Casa Mãe ou, de acordo com as possibilidades, em outro momento do dia.

Esta comunhão foi sentida por todas através do mundo e permanecerá na memória de cada uma. Irmã Kathleen nos reuniu para além das fronteiras visíveis e com ela, ao passo que renovamos os nossos votos, continuaremos a nossa caminhada.

Hoje, envio-lhes em anexo um texto em memória da Irmã Kathleen, a homilia do Padre Bernard, a mensagem do irmão da Irmã Kathleen, algumas fotos que poderão ser visualizadas ao clicar no seguinte link: <https://photos.app.goo.gl/MQwn4aJrvmf9JPuq8> assim como, uma simples imagem de lembrança da Irmã Kathleen que poderá ser impressa. Estes são alguns sinais do nosso afeto por ela e da nossa gratidão.

Muitas Irmãs estão sofrendo com as consequências do coronavírus que afeta quase todos os países e, tentam continuar próximas dos pobres. Tenham a certeza de que todas as Irmãs da Casa Mãe estão rezando aos pés do altar pedindo a proteção e a intercessão da Virgem Maria para esta situação.

Com a minha afeição fraterna,

*Irmã Françoise Petit
Filha da Caridade*

HOMILIA do Pe. Bernard Schoepfer, Diretor Geral, (na missa do funeral)

Hoje, Jesus nos diz: ***“se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, fica só; se morrer, produz muito fruto.”*** (Jo 12, 24)

Alguns dias antes de sua morte, Jesus anuncia aos seus discípulos sua partida, utilizando a imagem do grão de trigo caído na terra. O processo da germinação do grão de trigo, do crescimento das plantas jovens é normal para o mundo agrícola. Porém, para nós que vivemos na cidade, devemos refletir um pouco sobre o desenvolvimento do grão enterrado na terra: o grão atravessa um período totalmente escuro, sem luz, ele não é mais o mesmo, porém,



durante este período, recebe um outro alimento: água, fertilizantes, minerais do solo... o que o ajuda a transformar-se para entrar na fase do crescimento, depois disto, vem a floração. Um grão de trigo pode alimentar milhares de pessoas, fazendo germinar muitos outros. ***“Quem se apega à sua vida, perde-a; mas quem faz pouca conta de sua vida neste mundo conservá-la-á para a vida eterna.”*** (Jo 12, 25)

Querida Irmã Kathleen, no início da sessão do mês de março, que se chamava: ***“Um tempo para nutrir e fomentar o desejo de fidelidade”***, a senhora pediu à Irmã Françoise para compartilhar conosco estas palavras de Santa Luísa: ***“digo-vos, simplesmente, que hei de esperar, em paz, que a graça produza em nós a verdadeira humildade que nos dá o conhecimento de nossa incapacidade e nos leva a confessá-la.”*** (SL, C. 89, p. 108) Em 18 de março às sete horas da manhã, a senhora entrou na paz de Deus, com a idade de 68 anos, assim como Santa Luísa.

“Se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, fica só.” Então, o que significa morrer para nós? Significaria recusar-se a fechar-se em si mesmo, em se encolher, e fazer de tudo para abrir-nos aos outros e à Palavra de Deus? Morrer desta forma significaria libertar todas as forças do amor que estão dentro de nós e que reprimimos por medo, egoísmo, desconfiança?

O convite ao “confinamento em nossas casas” pode nos ajudar, se assim o desejarmos, a contemplar novamente a beleza dos nossos irmãos e irmãs; a compreender que a vida sem solidariedade, nem coresponsabilidade não é a verdadeira vida; crescer na fé no nosso Deus: ***“Por que te entristeces, minh’alma, a gemer no meu peito? Espera em Deus! Louvarei novamente o meu Deus Salvador!”*** (Sl 41, 12).

Na Carta à Irmã Kathleen no Céu, o Padre Tomaž elogiou sua maneira de ser e de viver a sua vocação de Filha da Caridade. Ele disse: ***“Vós fostes e sois para mim o exemplo de uma pessoa que viveu ao máximo as virtudes de simplicidade, humildade e caridade. Sempre apreciei o vosso apoio, a vossa colaboração profunda, vossa proximidade. Gosto muito da maneira como termináveis***

sempre as cartas: “unidos na oração!”

Será que o grão de trigo, a bolota do carvalho, qualquer que seja o tipo de semente, morre verdadeiramente quando é enterrado, no sentido de terminar e desaparecer? Vejo-os abrir-se, rebentar-se, libertar todas as forças vitais que estão dentro deles e, renovar todas as vezes este tipo de milagre: de um simples grão, fazer brotar uma espiga pesada e dourada, fazer emergir de uma pequena bolota um imenso carvalho.

É simples e bela, mas sobretudo rica e cheia de significado, esta imagem do grão de trigo caído por terra que Jesus utiliza para falar de sua morte. Esta maneira de ver a sua morte, ou melhor, de entregar a sua vida, só pode expressar um amor total, intenso e supremo. Se alguém quiser me servir, que me siga; e onde eu estiver, lá estará também o meu servo. Com o salmista ousemos cantar: ***“Vós me ensinai vosso caminho para a vida; junto a vós, felicidade sem limites, delícia eterna e alegria ao vosso lado!”*** [Sl 15,11].

Querida Irmã Kathleen, na sua última carta de 14 de março, a senhora convidou suas Irmãs a reler e meditar a Constituição 15a: ***“Quem procura seguir a Cristo, encontra aquela que o recebeu do Pai: Maria, primeira cristã, consagrada por excelência, presente à vida da Companhia desde sua origem”***. Em seguida, nos encorajou a não duvidar: ***“Se realmente tentarmos seguir os passos de Maria e viver como ela todas as nossas experiências de Ephata, então não duvidemos que elas darão frutos para nós mesmas e para os pobres”***.

Deixemos ressoar ainda em nossos corações estas palavras de Jesus: ***“Se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, ficará só; se morrer, produz muito fruto”***.

Jesus entra na nossa terra, oferece-se como alimento, como pão partilhado, para que, comunicando o seu amor e a sua vida, sejamos nós também uma vida doada e compartilhada. Ele não será mais um grão de trigo sozinho, nós seremos grãos de trigo com Ele, para nos tornarmos um pão compartilhado para a vida dos

nossos irmãos mais frágeis.

Querida Irmã Kathleen, a senhora vive hoje a sua Páscoa, acompanhando-nos de uma maneira diferente, porém, sempre presente. Guardaremos sua herança: a determinação e a coragem no serviço apesar da doença. Coragem fundamentada na esperança e na Providência.

Para concluir esta meditação, retomo as suas palavras na alocução final da Assembleia geral de 12 de junho de 2015 (Ecos n.3): escolher ***“...ousar viver de maneira simples e radical, ousar viver unidas em comunhão, ousar viver a compaixão de Jesus será a luz que iluminará nosso caminho, extinguirá a escuridão e reduzirá as sombras que ameaçam nos impedir de avançar. Acredito que nossa autêntica vida como servas dos pobres favorecerá o surgimento de algo novo e audacioso. Ousemos viver plenamente a riqueza da universalidade do nosso carisma, encontrando Cristo nos pobres e os pobres em Cristo!”***.

MENSAGEM DA FAMÍLIA, por Daniel Appler

Durante a sua juventude, Kathleen estudou o catecismo na forma de perguntas e respostas, porém, devo dizer que, algumas vezes, com relutância, sob as ordens da nossa mãe.

Quem nos criou? Deus nos criou.

Por que Deus nos criou? Deus nos criou para manifestar a sua bondade e compartilhar conosco a felicidade eterna no Céu.

O que se deve fazer para ganhar a felicidade no Céu? Para ganhar a felicidade no Céu, devemos conhecer, amar e servir a Deus aqui mesmo na terra.

Ninguém nos ensinou melhor isto do que Kathleen, através de todo o seu ser, ela se comprometeu em viver estas três verdades.

Kathleen viveu com Jesus e por Jesus.

Ela nos deu incessantemente exemplos maravilhosos de fé, de

simplicidade, de humildade e de bondade.

Ela sempre procurou servir, até nos gestos mais simples, por exemplo, abrir a porta para alguém... Imaginem, a Superiora Geral abrindo a porta para você! Esta é a nossa Kathleen: humilde, amável, a voz calma da razão e da sabedoria, livre de todo o julgamento.

Kathleen era uma mulher de alegria, ela gostava muito de ouvir e de contar histórias que a faziam rir em torno de uma fogueira.

Ela falava muitas vezes sobre as suas aventuras com a Irmã Vincent Louise e suas travessuras, sobre a paciência das Irmãs na França, sobretudo da paciência da Irmã Françoise ou ainda a da Irmã Judith, sua “muleta”, em matéria de tradução (e a minha para ter notícias da minha irmã), enquanto ela fazia um esforço com o francês.

Kathleen amava profundamente sua família, tanto o “exército dos Appler” quanto as Filhas da Caridade.

Ela amava e tinha orgulho da sua educação no contexto da pequena cidade de Whitesboro, no estado de Nova Iorque.

Deus é muito bom por no-la ter dado, muito embora, tenha sido por apenas 68 anos. Mas, que belo presente Ele nos deu através dela.

Que ela possa gozar de sua recompensa bem merecida, com mamãe e papai e com os nossos irmãos George e John. Que ela vele por nós e continue a nos guiar como sempre o fez durante toda a sua vida, enquanto irmã mais velha. Ela sempre nos aconselhou: “Deve-se rezar mais e com maior intensidade, sobretudo, quando estiver difícil rezar”.

Eu fechei os olhos para pedir que ela voltasse para nós.

Porém, Deus abriu-me os olhos e fez-me lembrar de tudo o que ela realizou, todas as vidas que ela tocou e, seria egoísmo da nossa parte, querer retirá-la da glória que doravante ela conhece.

Sentiremos saudades suas, Kathleen – de sua presença pacífica e impregnada de oração, de sua graciosidade e bondade. Descanse

nos braços do Senhor. Para sempre você fará parte da nossa vida e nós dizemos de todo o coração, “afetuosamente e com a certeza da nossa oração”.

Que São Rafael possa te conduzir à eterna morada!

Seu irmão caçula, Dan

PALAVRAS EM MEMÓRIA DA IRMÃ KATHLEEN

Irmã Françoise Petit

Na última quarta-feira, às sete horas da manhã, Irmã Kathleen nos deixou para se unir ao seu Senhor. Ela estava em paz e não mais sofria. No dia anterior, ela disse “*eu não entendo*”, contudo, alguns momentos depois, por três vezes e com a sua habitual firmeza, que conservou mesmo no momento de extrema fraqueza, ela murmurou “*eu aceito*”. A sua doença foi a ocasião de uma jornada, uma luta em que ela conseguiu preservar os que a rodeavam, um despojamento que ela realizou até ao seu último suspiro.

Pois, Irmã Kathleen era ao mesmo tempo uma mulher profundamente humana e uma mulher de fé. Evidentemente que estamos entristecidas, como todas as Filhas da Caridade no mundo, com a partida da Superiora Geral, mas também de uma Irmã entre nós. Cada uma aqui, e da sua Província de origem nos Estados Unidos, tem sua história com ela e, pelos numerosos e-mails e testemunhos recebidos, é óbvio que as suas qualidades foram reconhecidas por onde ela passou e independentemente do serviço que prestou. Ela foi amada e amou a cada uma.

Ela nasceu em uma família numerosa do estado de Nova Iorque. Certamente, tanto os seus dons espirituais como humanos vêm das suas origens. Ela era muito unida aos seus irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas. Uma grande família, cristã e generosa. No entanto, desde o início de sua doença, ela expressou o desejo de viver até o fim em seu país de missão, ou seja, na Companhia inteira, permanecendo aqui na Casa Mãe. Sua família entendeu o seu desejo e com muita sinceridade, nós lhe agradecemos. Podemos calcular o tamanho do desprendimento que isto exigiu.

Enraizada em Cristo, tinha uma devoção especial por Santa Luísa. Ela meditava muito os textos da nossa Fundadora e gostava de se inspirar neles. Tomemos esta frase, que está em sintonia com o que ela viveu nestes últimos momentos: *“Entreguei-me a Deus para aceitar as disposições de sua Providência caso queira que, durante o resto da Quaresma, eu permaneça em solidão interior e mesmo em aflição, para honrar o estado de Jesus Cristo que a Santa Igreja nos apresenta”* (SL, E.33, pág. 839).

Todos a descrevem como uma pessoa sorridente, alegre, simples e humilde. Em várias ocasiões durante estes meses de enfermidade, ela expressou: *“Desejo muito aceitar a vontade de Deus, contudo, quero viver”*. Ela amava a vida. No cotidiano da nossa Comunidade foi possível constatar isto. Estava sempre pronta a nos ajudar, embora tivesse toda a responsabilidade da Companhia. O seu prazer, e o nosso interesse, era de imprimir nossos cartões de embarque! Ela procurava o melhor lugar no avião para nós. Ela também sabia promover pequenos momentos de simples descontração que nos uniam e nos fortaleciam na missão.

Durante muito tempo ela foi professora e reunia as devidas qualidades: rigor, precisão e paciência para explicar e repetir incessantemente as mesmas coisas.

Como Superiora geral, é evidente que, durante suas viagens, ela marcou cada Província pela sua capacidade de escuta e seu interesse pelas missões junto aos mais pobres. Ela estava imbuída dos nossos irmãos e irmãs em situação de pobreza e era fácil compartilhar com ela as iniciativas, a criatividade das quais nós mesmas éramos testemunhas em cada Província. Esta era sua prioridade, eu acredito, tanto no pensamento como nas ações. Antes de tudo, ela era uma Filha da Caridade que soube expressar o essencial da nossa vocação em suas diferentes cartas, que desejou simples, porém, bem esclarecidas.

Ephata: sair porta afora, ir para, encontrar. Creio que este é o caminho que a Irmã Kathleen percorreu de uma forma muito concreta e verdadeira nos últimos meses. Ela se abriu ao mistério que é o anúncio de uma doença, passou pelas diversas etapas do

tratamento, mantendo sempre a esperança, certa da presença de Deus e, finalmente, com plena consciência, encontrou-O em plenitude. Ouçamos mais uma vez o seu último convite de 2 de fevereiro: *“estou disposta a viver radicalmente os votos, para abrir-me ao Espírito transformador, para me reaproximar de Cristo e colocar-me realmente entre as mãos de Deus para fazer a Sua santa vontade?”* Visto que renovaremos nossos votos amanhã, será com ela que diremos mais uma vez “sim” ao Senhor.

Muito obrigada Irmã Kathleen por sua bondade, com a qual ousou terminar. Penso que, se eu tivesse que resumir em uma só palavra, seria esta que eu escolheria. Ajude-nos agora, a ser também almas de Deus, boas e de paz, na vida diária, para construir aqui e agora, o Reino de Deus na alegria do “totalmente doadas”.

VOTOS PELA PRIMEIRA VEZ

Irmã Lúcia Inácio Moraes

Nova Friburgo, 31/03/2020

No dia 01/02/2020, Irmã Lúcia Inácio Moraes pronunciou os Votos pela Primeira Vez na Companhia das Filhas da Caridade, momento este de muita piedade e fé. Contamos com a presença do Conselho Provincial, de muitas Filhas da Caridade, familiares, amigos, benfeitores e dos pobres de quem Irmã Lúcia cuida com todo carinho, respeito e afeição.



Desejamos a você, Irmã Lúcia, toda felicidade e perseverança na sua consagração a Deus no Serviço dos Pobres.

Que a Virgem das Graças, São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac intercedam por você!

Irmãs da Casa dos Pobres São Vicente de Paulo



Ir. Danusa de Souza Corrêa da Silva Feliciano

Rio de Janeiro, 7/03/2020

Ir. Danusa de Souza Corrêa da Silva Feliciano, querendo confirmar seu seguimento a Jesus fez seus votos pela primeira vez no dia 07/03/2020.

Em preparação a esse grande dia, a comunidade da Escola Rural São Vicente de Paulo, juntamente com as CEBs da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, no Monteiro, preparou um Tríduo Vocacional.

No 1º dia, refletimos sobre o *compromisso de nossa vida cristã*, conduzidas pela Ir. Adriana Viana. No 2º dia, fomos convidadas a assistir o vídeo *Despertar para sonhar*. Trata-se da história de três jovens que foram descobrindo sua vocação em um trabalho voluntário junto a comunidades carentes. Maria Rita, nossa postulante, com muita tranquilidade e segurança provocou um pequeno debate. No 3º dia, refletimos o tema *Vida Consagrada* com a presença de nosso irmão Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, CM. Iniciamos a reflexão com a leitura o Evangelho de João 15,1-8.

Jesus é o verdadeiro caminho para a vida dos casados, dos leigos e dos consagrados. O que é ser consagrado? É ser retirado e ser ofertado (missão). E só poderemos cumprir essa missão se estivermos ligados a Jesus. E só estaremos ligados a Jesus através de nossa oração diária, através de nossa leitura orante da Bíblia. Só assim poderemos nos transformar e dar frutos agradáveis a Deus.

Encerrando esse ciclo de oração, chegamos ao ápice das comemorações com a Santa Missa na Paróquia Nossa Senhora da Conceição no Monteiro presidida pelo nosso diretor Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira e concelebrada pelo Pe. Luís Rodrigues Veras, CM (capelão do HSVP), pelo Pe. José Mário de Oliveira, da paróquia

Santa Luzia – paróquia de origem de Ir. Danusa – e pelo Pe. André Luiz Teixeira de Lima, pároco local.

Após a Eucaristia fomos convidados a um saboroso almoço de confraternização na Escola Rural São Vicente de Paulo.

Ir. Cecília Maria Berti Oliveira, FC

200 ANOS DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO NO BRASIL (1820-2020)

No final de novembro de 1819, os missionários vicentinos Pe. Antônio Ferreira Viçoso e Pe. Leandro Rebello Peixoto e Castro, vindos de Lisboa, chegaram ao Rio de Janeiro e, em 1820, estabeleceram no Caraça (MG),

a primeira missão vicentina no Brasil. A partir do Caraça, a missão vicentina da Congregação da Missão cresceu e atingiu várias regiões brasileiras. Agora, em 2020, os missionários vicentinos da Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), também chamados “Lazaristas” celebram 200 anos de presença e serviço missionário em terras brasileiras.

De 1820 até a década de 1970, os missionários vicentinos da PBCM, com notável dedicação e abnegado amor à Igreja, atuaram, sobretudo, na formação do clero, na pregação de missões populares e na educação da juventude. Os lazaristas dirigiram vários seminários diocesanos, maiores e menores, do norte ao sul do país, colaborando na formação de uma média de 2.600 padres. No Caraça e em diversas outras localidades, fundaram centros missionários, com equipes que saíam a pregar missões populares, em inúmeras cidades e vilarejos de variados estados brasileiros, que muito ajudaram na evangelização e afervoramento religioso do povo. Nos seminários e colégios vicentinos, grande quantidade



de jovens, em sua maioria provenientes de famílias pobres, foram fortemente beneficiados, sobretudo dos pontos de vista social e cultural.



Após o Concílio Vaticano II, a atuação missionária dos vicentinos sofreu grandes mudanças e viveu um forte momento de crise: deixaram a direção dos seminários diocesanos; as missões populares encerraram suas atividades; o trabalho nos colégios foi reduzido; os seminários vicentinos foram fechados; diminuíram as vocações e muitos vocacionados deixaram a Congregação. A missão vicentina se diversificou, procurou se ressignificar e ganhou nova configuração.

Atualmente, os 60 Missionários Vicentinos da PBCM têm se esforçado na busca de fidelidade criativa, com maior ênfase no serviço missionário junto aos pobres. Estão presentes em várias localidades e atuam em: paróquias situadas, sobretudo, em locais mais pobres, formação dos seminaristas, alguns serviços ao clero (magistério, retiros, direção espiritual), missões populares e *ad gentes*, formação dos leigos, educação dos jovens, colaboração e ação com a Família Vicentina e promoção de projetos sociais junto aos pobres.

Desde seu início aos dias de hoje, a missão vicentina na PBCM tem contado com mais de 550 missionários padres e irmãos, brasileiros e estrangeiros, além de uma legião incontável de amigos e colaboradores envolvidos na missão. Os missionários vicentinos da PBCM louvam a Deus pelos seus 200 anos no Brasil. Com humildade e renovado ardor missionário, estão dispostos a continuar essa caminhada de missão e caridade, no compromisso com os pobres.

Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

EM TUDO DAI GRAÇAS!

FLASHES DE ALGUNS ACONTECIMENTOS (extras) NA CAMINHADA DOS LAZARISTAS NO BRASIL (nos bastidores da Missão)

(Extraídos do livro *Congregação da Missão - 200 Anos no Brasil*, de Padre Eli Chaves dos Santos CM)

- O venerável Dom Antônio Ferreira Viçoso, 7ºbispo de Mariana, trabalhou arduamente na reforma da Igreja.
- Padre Leandro Rebelo Peixoto e Castro elaborou o regulamento do Colégio do Caraça, que serviu de modelo para sua atuação no Colégio Pedro II (Rio de Janeiro) e o do Colégio Assunção (Ouro Preto). Alceu de Amoroso Lima qualificou este regulamento “como um admirável projeto educativo, um verdadeiro humanismo pedagógico, em que a autoridade combina harmonicamente com a personalidade e a suavidade”.
- Padre Pedro Boss, em 1859, sugeriu a construção de uma imagem de Jesus Cristo Redentor no topo da montanha do Corcovado. A ideia, entretanto só se concretizou em 1931.
- Padre Júlio Clavelin foi o autor dos projetos arquitetônicos para as igrejas do Santuário do Caraça/MG e da Imaculada Conceição do Rio de Janeiro.
- Padre Manuel Gonzalez foi o pioneiro na promoção do futebol no estado do Rio de Janeiro, bem como na fabricação de bolas de couro cru no Brasil.

OUTRAS COLABORAÇÕES VICENTINAS À IGREJA, NO BRASIL:

- Fundação em 1963 do Instituto Superior de Pastoral Catequética (ISPAC) por Padre Paiva que, dentro do movimento de renovação pastoral desencadeado pelo Concílio Vaticano II, com a colaboração de vários lazaristas, ajudou na atualização teológica e catequética de um grande número de padres e de agentes pastorais.
- A criação dos Ministros da Eucaristia (MESC) é uma iniciativa vicentina. O padre José Nunes Coelho, CM, pároco de Bambuí/MG,

em 1965, escreveu a Dom Belchior Joaquim da Silva Neto, CM, bispo de Diocese de Luz, que estava em Roma participando do Concílio Vaticano II, perguntando se não seria possível a Igreja autorizar o leigo a ajudar o padre na distribuição da Eucaristia. Para espanto e preocupação de muitos, Dom Belchior apresentou a sugestão ao Papa Paulo VI. Em maio de 1966, veio de Roma a autorização primeiro a três irmãos e, em seguida, a dez leigos. A partir de 1970, o Papa autorizou para todo o mundo. Nasceu assim a instituição do Ministro Extraordinário da Sagrada Comunhão, hoje adotado nas paróquias do mundo inteiro.

- Dom Elias Chaves defendeu em uma assembleia da CNBB que a opção pelos pobres deveria ser prioritária e constar nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.

COLÉGIO VIRGEM PODEROSA - MOINHO VELHO - SÃO PAULO - SP

**80 anos de amor à Educação, evangelizando e educando
à luz da Pedagogia do Carisma Vicentino.**

O ano de 2020 é um ano especial para todos nós! Ele nos remete a sentimentos de profunda gratidão, celebração e admiração pela história de vida dos 80 anos de nosso Colégio.



Ao recordar como tudo começou, impossível não nos reportarmos a 1633, quando em Paris, Luísa de Marillac reuniu um grupo de jovens

camponesas, desejosas de dedicar suas vidas, seu tempo, seus dons para o serviço dos mais pobres. Aí nascia a EDUCAÇÃO VICENTINA, que ao longo dos séculos, acompanhou o desenvolvimento da educação, contextualizando sua proposta e prática pedagógica às diferentes realidades.

Com o passar do tempo, movida por um grande ideal missionário, a Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo ultrapassou as fronteiras da França e empreendeu frentes de missão em outros países.

Foi no ano de 1849 que o Brasil recebeu as primeiras Filhas da Caridade, vindas da França.

Assumindo várias obras caritativas e educacionais em nosso país, as Filhas da Caridade iniciaram sua missão em MOINHO VELHO em 1940. Uma história de lutas, de dificuldades também, mas de muitas superações e conquistas sempre com o mesmo sonho de plantar em terra fértil sementes de educação Cristã. Ao longo desses 80 anos, por aqui passaram milhares de alunos, que se fizeram cidadãos livres e esclarecidos. Gerações e gerações trouxeram seus filhos e netos para receberem uma educação de excelência e os belíssimos valores cristãos que a educação vicentina plantou em seus corações.

Hoje, junto a toda Família Vicentina, admirando e parabenizando nossa instituição por tantas vitórias, louvamos a Deus pela comunidade educativa que nos rodeou por todo esse tempo: professores, colaboradores, alunos, famílias e abnegadas Irmãs, que escreveram e continuam escrevendo a nossa história!

Uma história? Não, muitas e muitas histórias de vida!

Que nossos fundadores São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac, continuem nos impulsionando a partilhar com competência, generosidade e ternura os nossos conhecimentos e valores vicentinos, para que possamos contribuir mais e mais na formação de cidadãos solidários, agentes atuantes na construção do Reino de Deus.

Confiantes de que a Virgem Poderosa - a Mãe - cuidou e cuida com carinho materno de todos aqueles que buscam neste solo educativo o melhor para suas vidas, saudamos, com alegria, os 80 anos de nosso COLÉGIO VICENTINO VIRGEM PODEROSA!

SOLIDARIZANDO com nossas IRMÃS NA DOR



Ir. Maria da Conceição Milagres – irmão

Ir. Terezinha Benincá – irmã

Ir. Iraci Serejo – irmã e cunhado

Ir. Dagmar Assunção – irmã

Que os falecidos repousem em Paz e Deus conforte nossas Irmãs!

FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

Rua Dr. Satamini, 333 - Tijuca - Rio de Janeiro - CEP 20.270-233

Telefone: (21) 2563 9450 | asvp.org.br

